

FOLHETIM

UMA LÓA DO NATAL EM PROSA

CONTO PHANTASTICO DO NATAL

POR

CHARLES DICKENS

(Versão do original inglez)

PREFACIO

Exforcei-me n'este phantastico livrinho, a apresentar o phantasma d'uma ideia, que não torne os leitores de mau humor comsigo mesmos, com os outros, com a estação, ou comigo. Possa elle ser o espirito familiar da cada habitação, e não merecer os esconjuros de ninguem. São estes os maiores desejos do

Auctor.

ESTROPHE I

O espectro de Marley

Para começarmos,—Marley tinha morrido. Não havia a menor duvida sobre tal acontecimento. A sua certidão d'obito fôra assignada pelo parochio, pelo sachristão, pelo armador, e pelo testamenteiro. Scrooge tambem a assignou; e o nome de Scrooge era de bastante peso sobre

uma letra de cambio para deixar de o ser em outro qualquer papel onde o quizesse firmar.

Por cõsequinte o pobre Marley estava tao morto, como um prego de porta (1).

Entendam bem, que não quero dizer com isto que sei alguma coisa, por experiencia propria, sobre o caso d'um prego d'uma porta estar morto ou não. Eu por mim antes me inclinaria a crêr que o objecto do officio de ferreiro, mais morto é um prego d'um esquite. Mas a sabedoria dos nossos antigos é a que dá força à comparação, e não serei eu, pobre diabo, quem venha pôr pecha a uma coisa tão santa; e se fosse assim onde iria parar o n'sso paiz?

Portanto hão de conceder-me licença para repetir, com emphasis, que Marley estava morto como um prego d'uma porta.

Sabia acaso Scrooge que elle morrerá? Certamente que sabia. Como poderia ser d'outra forma? Scrooge e elle eram socios, nem eu sei bem já ha quantos annos. Scrooge era o seu unico administrador, o seu unico socio, o seu unico legatario universal, o seu unico amigo, e o seu unico testamenteiro. E até Scrooge não ficou tão ralado de saudade, que deixasse, no proprio dia do funeral de fazer um magnifico negocio. Se elle era um excellente commerciante!

A menção do funeral de Marley traz-me á ideia o ponto d'onde me apartei. Não havia duvida alguma que Marley tinha morrido. Devem ter isto bem na lembrança, ou então deixemo-nos da historia porque nada de maravilhoso poderá sahir do que vou narrar. Se não estivessemos bem convencidos de que o pae de Hamlet morrerá antes de começar a tragedia, não haveria nada de mais notavel em elle vir dar um passeio nocturno bafejado pelo vento suão, sobre as ameias do seu castello, do que em qualquer sujeito de meia idade, vir collocar-se n'um sitio

(1) Locução ingleza.

sombrio e triste—por exemplo no adro de S. Paulo—para metter medo a um seu filho ainda creança.

Scrooge nunca riscou o nome do velho Marley da firmã da sociedade. Ainda por muitos annos ficou gravado por cima da porta do escriptorio—*Scrooge & Marley*, firma porque era conhecida aquella casa commercial. Algumas vezes pessoas pouco ao facto dos negocios, chamavam-o Scrooge, outras vezes simplesmente Marley; mas elle respondia igualmente a um e outro nome — para elle era tudo a mesma coisa.

Oh! mas o tal snr. Scrooge era um muito grande patife!... avaro como elle nunca allumiou a luz do sol. Duro como a pederneira, de que o aço ainda não extrahi a generosa scintilha; concentrado e solitario, como a ostra! O frio que o circundava gelava-lhe as feições, aguçava-lhe o nariz pontegudo, enrugava-lhe as faces, diminuia-lhe o abdomen, avermelhava-lhe os olhos, azulava-lhe os labios, e, finalmente, torçava-lhe a voz aspera como o vento de janeiro. Uma camada de alva neve cobria-lhe a cabeça, as sobancelhas e a barba fina.

Para toda a parte aonde se dirigisse acarretava comsigo a sua temperatura propria' abaixo de zero; durante as caniculares fazia gelar o escriptorio, e nem mesmo durante o natal mudava sequer um grau á temperatura.

O frio ou o calor intenso pouca influencia produziam sobre Scrooge. Os ardores do estio não o podiam aquecer, nem o mais rigoroso frio conseguia gelal-o.

Nunca o vento soprando foi mais aspero do que elle, nem a neve cahindo conseguiu mais depressa o seu fim, nem a chuva a torrentes se tornou mais inexoravel.

O mau tempo não o incomodava na menor cousa. A chuva mais pesada, a neve, o granizo, e o gelo só a um respeito lhe le-

vavam vantagem; cahiam em profusão e Scrooge ignorava completamente esse termo.

Nunca pessoa alguma o fez parar na rua para lhe dizer com ar prasenteiro: — «Como está, meu caro snr. Scrooge? quando ha de ir fazer-me uma visita?»

Nunca um mendigo lhe pediu uma esmolinha, nem creança lhe perguntou as horas, nem homem ou mulher lhe pediu informações sobre o caminho melhor para tal ou tal lugar. Até os cães dos cegos pareciam conhecê-lo, e quando o viam aproximar, puxavam seus amos para as portas das cocheiras ou viellas lateraes, mexendo com o rabo como querendo dizer: «Meu pobre amo, mais vale não vêr nada do que ter mau olhar.»

Mas que se importava Scrooge com tudo isso? Era exactamente do que elle gostava. Caminhar atravez da povoada estrada da vida avistando a sympathia humana para que se conservasse em distancia, era para Scrooge o seu pratinho favorito.

Certo dia—o melhor de todos os dias do anno, a vespera de Natal—o velho Scrooge estava sentado no seu escriptorio, muito atarefado. Fazia um frio de trespassar a mais pesada roupa, e o tempo estava chuvoso; fôra da porta estava um nevoeiro espesso. Scrooge podia onvir a gente que passava na rua para cima e para baixo batendo as mãos nos peitos, tiritando de frio, e estampando os pés com furia sobre a calçada, para os aquecer. Os relógios da cidade tinham ha pouco soado as tres, mas já era quasi escuro.

Pouco claro estivera durante todo o dia, e agora as luzes nas vidraças dos escriptorios vizinhos similhavam-se a nodoas de graxa vermelha n'um fundo escuro.

O nevoeiro foi penetrando no interior das casas por todas as fendas e buracos das fechaduras, e era tão denso na rua, que apesar d'esta ser estreita, as casas fronteiras divisavam-se

como phantasmas. Ao verem-se as sombrias nuvens virem descendo cada vez mais, e espalharem sobre todos os objectos profunda obscuridade, dir-se-hia que a natureza viera alli estabelecer perto uma fabrica de cerveja em larga escala.

A porta do escriptorio de Scrooge estava aberta afim de poder vigiar o caixeiro, que no seu triste cubiculo, que mais parecia uma cisterna, estava copiando cartas. Scrooge tinha junto de si um fogo quasi extincto, mas o do caixeiro ainda estava em peores condições porque parecia simplesmente um carvão escandecido. O desgraçado não o podia renovar porque Scrooge guardava a caixa do carvão, e de todas as vezes que o caixeiro se preparava a trazer algum na pá, o patrão pregava-lhe um comprido sermão em que lhe predizia que não estava longe o dia de se separarem. Era por isso que o caixeiro puxava acima o seu abafador de lã, e fazia todos os esforços por se aquecer á luz do candieiro, mas em vão, por que o pobre diabo não era dotado d'imaginação viva.

—Boas festas! meu tio. Deus o salve, gritou uma voz alegre.

Era a voz do sobrinho de Scrooge, entrando com tal rapidez que foi este o primeiro signal que deu de si.

—Ora, ora! disse Scrooge. Asneiras!

Tanto se aquecera com o passeio rapido pelo nevoeiro e frio, o sobrinho de Scrooge, que estava todo n'uma chamma; a sua physionomia era rosada e bella, os olhos scintillavam, e a sua respiração ainda fumegava.

—O tio chama ás Boas festas asneiras! disse o sobrinho de Scrooge; o tio não falla serio, bem vejo.

—Fallo muito serio, sim, disse Scrooge! Boas festas... Festas alegres... é insupportavel. Que direito ou que razão tens tu para estares alegre? Não és tu demasiado pobre!

—Ora vamos, vamos! replicou o sobrinho ale-

gremente. E que razão tem o tio para estar triste? e que razão tem para se demorar no dia de hoje a fazer contas? Não é rico bastante?

Scrooge não tendo no momento resposta alguma convincente, resmoneou um «Ora», que foi seguido da sua favorita expressão «Asneiras».

—Não esteja de mau humor, meu tio, disse o sobrinho.

—E como não hei de estar, disse o tio, se vivo n'um mundo de loucos como este! Boas festas! Malditas Festas digo eu! Que é o tempo de Natal, senão uma epocha de pagarmos as nossas letras, muitas vezes sem termos dinheiro: tempo de nos acharmos com um anno mais de idade, e nem por isso com uma hora mais de riqueza; tempo de darmos balanço aos nossos livros, e vermos que todas as transacções alli mencionadas, feitas atravez dos doze mezes do anno, não deixaram o menor proveito? Se eu pudesse fazer a minha vontade, continuou Scrooge com indignação, todo o pateta que percorre as ruas dando as Boas festas, havia de ser cozido no seu proprio pudding (2) e ser sepultado com uma frecha d'azevinho trespassando-lhe o coração. Digo o que penso!

—Meu tio! exclamou o sobrinho, tornando-se advogado officioso do Natal.

—Sobrinho, replicou o tio severamente, festeja o Natal como te parecer, e deixa-m'o festejar cá a meu modo.

—Festejal-o! replicou o sobrinho de Scrooge, mas o tio não o festeja!

(Continua).

(2) Todos os puddings de dia de Natal, em Inglaterra, tem no cimo um ramo de azevinho.

UMA LÓA DO NATAL EM PROSA

CONTO PHANTASTICO DO NATAL

POR

CHARLES DICKENS

(Versão do original inglez)

ESTROPHE I

O espectro de Marley

(Continuado do n.º 291)

—Ora deixa-me em paz com o teu Natal, disse Scrooge. Ha-de-te dar muito proveito, não tem duvida! E muito bem te ha de ter feito já... ah! ah!

—Ha milhares de coisas, confesso, exclamou o pobre sobrinho, de que poderia tirar algum bem, e que pouco ou nada me tem aproveitado; e o Natal é uma dellas. Mas tenho a certeza de ter contemplado o dia de Natal, quando apparece—pondo de parte a veneração devida ao seu nome e origem sagrada, se taes cousas se podem pôr de parte fallando-se do Natal—como um dia de felicidade, de perdão para todos os nossos erros, dia de caridade para com os nossos semelhantes; o unico dia, que eu saiba, do longo calendario do anno em que homens e mulheres parecem, por unanime consentimento, patentear os arcanos dos seus corações, e reconhecer nas outras creatu-

ras de condição inferior verdadeiros companheiros de viagem na estrada do tumulo, e não videntes dirigindo-se a differente logar. E' por isso, meu tio, que apesar do Natal não me ter mettido no bolso a mais pequena moeda de ouro ou prata, acredito que me faz bem, e ainda me fará; e repito do fundo do coração: Viva o santo Natal!

O caixeiro lá no seu cantinho applaudiu involuntariamente, mas reconhecendo no mesmo instante que commettera uma inconveniencia, principiou a atizar o fogo, não fazendo mais do que apagar a ultima faisca que existia ainda.

—Que eu ouça o menor ruido desse lado, e você vai festejar o Natal para o meio da rua. Vocem-cê, sr. meu sobrinho, disse Scrooge voltando-se para elle, está-se tornando um orador de mão chêa. Não sei como não vai fazer discursos para o parlamento!...

—Não se afflija, meu tio, exclamou o sobrinho de Scrooge, amanhã ha de ir jantar connosco.

Scrooge resinoneou palavras sem nexo e depois soltou a praga mais horrenda, mandando-o... ah! nem quero dizer o resto!

—Mas porque? meu tio, porque?

—Para que te casaste? perguntou Scrooge.

—Porque estava namorado.

—Namorado! namorado! resmoneou Scrooge, como se fosse amor a coisa mais ridicula deste mundo—mais do que as festas do Natal—Boas noites!

—Mas o tio nunca me foi vêr antes de eu casar, e para que dá agora esse motivo como razão de não ir a minha casa?

—Boas noites! disse Scrooge.

—Eu não quero nada do tio; não lhe peço nada; porque não seremos amigos?

—Boas noites! disse Scrooge.

—Acredite que estou bem penalizado pelo vêr com tal resolução. Nunca disputamos um com outro, pelo menos que eu fosse a causa! Fiz esta tentativa para honrar o Natal, e guar-

darei o meu bom humor até ao fim. Tenha festas alegres, meu tio.

—Boas noites! disse Scrooge.

—Desejo-lhe um anno feliz!

—Boas noites! exclamou Scrooge fóra de si.

Não obstante a má recepção, o sobrinho sahio do escriptorio sem soltar uma palavra de descontentamento. Parou á porta da entrada para dar as boas festas ao caixeiro que, apesar de gelado, tinha mais calor do que Scrooge, porque retribuiu o cumprimento cordialmente.

—Alli está um outro pateta, murmurou Scrooge, que o ouvira do logar em que estava; o meu caixeiro tem quinze shillings por semana, está sobrecarregado de mulher e familia e falla de festas alegres. Isto é de um homem dar em doido!

O pateta do caixeiro, como lhe chamava o patrão, tendo deixado sahir o sobrinho de Scrooge, mandou entrar dois sujeitos. Eram dois cavalheiros na apparencia, com physionomias insinuantes, que com os chapéos na mão se conservavam agora de pé no escriptorio de Scrooge. Traziam nas mãos livros e papeis, e cumprimentaram.

—Scrooge & Marley, julgo eu? disse um delles procurando na lista. Tenho a honra de fallar com o sr. Scrooge, ou com o sr. Marley?

—O sr. Marley morreu ha sete annos, disse Scrooge. Falleceu faz esta noite exactamente sete annos.

—Não temos duvida alguma em que a sua generosidade estará bem representada pelo socio sobrevivente, disse o cavalheiro apresentando as suas credenciaes.

Certamente que estava: porque os dois socios pareciam sempre professar as mesmas ideias. A' palavra de mau a rouro «generosidade» Scrooge carregou o sobrolho, meneou a cabeça, e tornou a restituir o papel.

—N'esta festiva estação do anno, Mr. Scrooge, disse o cavalheiro, pegando n'uma penna, é mais necessario do que no tempo usual, fazermos al-

gumas parcas provisões para os pobres, e infelizes, que soffrem immenso n'esta quadra em que estamos. Quantos milhares de desgraçados não carecem do necessario para a vida? ah! senhor, milhares de pessoas não conhecem o minimo conforto.

—Não ha cadeias então? perguntou Scrooge.

—Ha immensas, retorquiu o outro deixando cahir a penna.

—E as casas de trabalho, perguntou Scrooge, já acabaram?

—Oxalá que tivessem acabado!

—Então não está em vigor a lei dos pobres? perguntou Scrooge.

—Está, está; e tem que fazer de sobra.

—Oh! eu tinha bem receio, pelo que o senhor me disse a principio, de que alguma coisa tivesse feito parar o curso d'essas uteis instituições; estimo bem ouvir o contrario.

—Sob a impressão de que essas instituições escassamente poderão fornecer uma satisfação christã corporea, e espirital ás multidões, replicou o cavalheiro, alguns de nos tratamos d'arranjar donativos para comprarmos para os necessitados alguma carne e cerveja, e darmos-lhes os meios de se aquecerem. Escolhemos esta occasião, porque é o tempo, de todo o anno, em que a necessidade se faz mais sentir, e a abundancia mais alegre o espirito. Quanto deverei marcar na lista?

—Nada! replicou Scrooge.

—Não deseja vêr o seu nome; quer que ponha anonymo?

—O que eu queria era que me deixassem em paz. Visto que os senhores me perguntam o que eu quero, é esta a minha resposta. Eu proprio não festejo o Natal, e por tal motivo não quero servir d'instrumento para que os vadios se divirtam. Gosto d'auxiliar os estabelecimentos que ha pouco mencionei: custam bastante; e aquelles a quem lhe não servir, que vão para o meio da rua.

—Muitos não podem alli ser admittidos; e outros antes prefeririam morrer.

—Se querem morrer, disse Scrooge, muito bem fariam em pôr essa ideia em execução quanto antes, e diminuir assim a população que é em demasia.—Demais, queiram desculpar-me, nada sei com relação ao objecto de que me fallam.

—Mas ser-lhe-ia facil informar-se, observou um dos cavalheiros.

—Não tenho nada com isso, retorquiu Scrooge. Já não é pouco para um homem estar em dia com os seus negocios, e não interferir com os dos outros. Boas noites, meus senhores.

Vendo claramente que debalde proseguiriam nos seus pedidos os dois sujeitos retiraram-se.

Scrooge entregou-se de novo ao trabalho mais contente consigo, e com o espirito mais alegre do que d'ordinario.

Entretanto o nevoeiro, e a escuridão de tal modo tinham augmentado, que se viam aqui e alli pessoas com archotes acesos, offerecendo os seus serviços aos cocheiros, para levarem os cavallos dos carros á mão, e guial-os no caminho. A antiga torre d'uma igreja, cujo velho sino roufenho parecia estar sempre espreitando Scrooge atravez d'uma lenda da sua janella gothica aberta no muro, tornou-se invisível; e o sino começou a soar as horas e os quartos nas nuvens, com tremulas vibrações prolongadas, como se os dentes lhe rangessem na sua cabeça gelada lá em cima. O frio tornou-se intenso.

Na rua principal, ao canto do pateo, varios operarios estavam reparando os canos do gaz, e tinham accendido uma grande fogueira em volta da qual estavam reunidos alguns homens e rapazes esfarrapados, aquecendo as mãos e empiscando os olhos de contentamento. Esqueceram-se de fechar a torneira e esta começou de deixar correr a agua, que se transformou em gelo misanthropico.

As luzes brillantes das lojas, onde se viam deslumbrantes os puddings e outros acepipes, lançavam um reflexo avermelhado sobre os transeuntes.

As lojas dos vendilhões d'aves e dos tendeiros tinham-se de tal forma transformado que parecia impossivel ser simplesmente o desejo de fazer bom negocio a causa d'este luxo desusado. O Lord Mayor no seu palacio de Mansion-House dava ordens aos seus cincoenta cosinheiros e dispenseiros para que o Natal fosse festejado como deve ser na casa d'um Lord-Mayor: e até o pobre remendão que elle multara na segunda feira antecedente por ter sido encontrado em estado de embriaguez, e commettendo desordens na rua, até esse preparava o pudding do dia seguinte na sua trapeira, em quanto que a magra esposa com os filhinhos, sahia para ir comprar a carne necessaria.

Cada vez mais nevoeiro e mais frio! Frio aspero, penetrante! Se o bom S. Dunstan (1) tivesse beliscado o nariz do Espirito das Trevas, com um pouquinho d'um tempo como este, em lugar de usar as suas armas familiares, não ha a menor duvida de que o diabo teria saltado nivos infernaes. O possuidor d'um narisito novo, roído e chupado pelo esfomeado frio do mesmo modo que os ossos são roídos pelos cães, abaixou-se em frente do buraco da fechadura de Scrooge para o regalar com uma cantiga do Natal; mas ás primeiras palavras de

Boas festas meu senhor

Boas festas Deus lhe dê

Scrooge agarrou na regra com um gesto tão energico, que o cantozinho fugiu assustado, deixando a fechadura á mercê do nevoeiro e do gelo. (Continua.)

(1) S. Dunstan, santo inglez que viveu no oitavo seculo. Contam as lendas, que sendo este santo tentado pelo principe das trevas, e já fatigado com os argumentos de tão ruim visitante, com uma tenaz em braza, segurara o nariz do demonio e o levava para uma janella onde esteve exposto á irrisão do publico.

(Nota do Traductor.)

UMA LÓA DO NATAL EM PROSA

CONTO PHANTASTICO DO NATAL

POR

CHARLES DICKENS

(Versão do original inglez)

ESTROPHE I

O espectro de Marley

(Continuado do n.º 295)

Chegou enfim a hora de se fechar o escriptorio.

Scrooge desceu do seu tamborete com ar de mau humor, concedendo assim tacita licença para se ir embora, ao caixeiro que a aguardava no seu becco.

Este immediatamente apagou a vella e poz o chapeu.

—Supponho que quer todo o dia d'amanhã para si? disse Scrooge.

—Se assim convem a v. s.ª...

—Não me é conveniente, disse Scrooge, e não é bonito. Aposto que se lhe descontasse meia corôa por esse dia, vmc.ª havia de julgar-se lesado?

O caixeiro sorriu-se levemente.

—E no entanto, continuou Scrooge, vmc.ª não me julga lesado por eu lhe pagar um dia para não fazer nada?

O caixeiro observou que era um caso extraordinario e que se dava tão sómente uma vez por anno.

—E' uma desculpa muito fraca para limpar a algibeira de um homem todos os dias 25 de dezembro, disse Scrooge abotoando o casacão até acima.

—Mas enfim, continuou elle, fique lá com o dia inteiro: tracte comtudo de me desforrar vindo depois d'amanhã mais cedo.

O caixeiro prometteu que sim e Scrooge sahio resmoneando.

Fechou-se o escriptorio n'um momento, e o caixeiro com as duas pontas da manta de lã do pescoço chegando até à cinta (porque o misero não professava o uso do paletot) principiou a escorregar no gelo, no passeio de Cornhil, umas vinte vezes, atraz de uma malta de gamenhos em honra da vespera do Natal, e em seguida dirigiu-se de uma corrida a sua casa em Camdem-Town, para jogar a cabra-cega.

Scrooge enguliu o seu melancholico jantar na usual casa de pasto: e, depois de ter lido todos os jornaes, e se ter entretido o resto da noite com o livro das letras, foi para casa deitar-se.

Vivia no alojamento occupado outr'ora pelo seu fallecido socio.

Era uma serie de quartos escuros, fazendo parte de um sombrio edificio na extremidade de uma rua, onde estava tão fora de proposito, a ponto da gente não poder deixar de imaginar, que aquella casa veio parar alli algum dia que, na sua mocidade, jogou as escondidas com as outras casas visinhas, e não pôde tornar a encontrar o caminho.

O edificio era agora bastante idoso, e assaz triste, porque ninguem vivia n'elle, á excepção de Scrooge; os outros quartos estavam todos alugados para escriptorios.

O pateo estava tão escuro que o proprio Scrooge, conhecendo-o palmo a palmo, viu-se obrigado a entrar ás apalpadellas.

O nevociro e o gelo de tal modo envolviam a sombria e velha porta da casa, que parecia que

o genio da estação estava sentado no limiar em profunda meditação.

Diga-se agora em abono da verdade que nada havia de particular no martello da porta senão que era muito grande.

E' um factio tambem muito veridico que Scrooge o tinha visto de dia e de noite durante toda a sua residencia n'aquelle logar: e tambem Scrooge tinha tão pouco do que se chama força d'imaginação como qualquer homem na City, incluindo mesmo—o que é uma temeridade da minha parte dizel-o—a corporação, os aldermen, e os notaveis.

Devemos tambem estar bem possuidos da ideia de que Scrooge não tinha pensado mais em Marley, desde aquella occasião, de tarde, em que mencionara a morte do seu antigo socio havia sete annos.

E agora explique-me alguém, se pode, como succedeu que Scrooge, tendo mettido a chave na fechadura da porta, viu no martello, sem fazer uso d'alguma formula magica, não um martello, mas a cara de Marley?

A cara de Marley, sim senhores! Não era uma sombra impenetravel como os outros objectos no pateo, mas cercava-a uma luz sombria, do mesmo modo que uma lagosta pôdre n'uma adega escura. A expressão da physionomia não dava signaes d'ira ou de ferocidade, mas contemplava Scrooge como Marley costumava, com oculos d'espectro erguidos na sua testa de defuncto. O cabello de Marley estava exquisitamente levantado como se fôra por effeito d'um sopro ou vapor quente: e os olhos apesar de estarem abertos, não tinham movimento algum. Esta circumstancia e a sua cor livida tornavam-no horrivel: mas o horror que se sentia ao contemplal-o, parecia provir antes da expressão da physionomia, do que da figura do morto.

A' medida que Scrooge olhava fixamente para este phenomeno, nada mais via do que um martello.

Seria faltar á verdade, se dissesse que elle não estremeceu, ou que o seu sangue não per-

sentiu uma terrivel sensação que lhe fôra estranha desde a infancia.

Novamente poz a mão sobre a chave que a principio largara, deu-lhe volta estouvadamente, deu um passo á frente, e accendeu a vella.

Pausou com irresolução momentanea antes de fechar a porta; e olhou para traz com cautella, primeiramente, como se esperasse ver a figura de Marley apparecer no-vestibulo. Mas nada havia atraz da porta, excepto os pregos e as dobradiças que seguravam o martello; de sorte que Scrooge disse «Puff! puff!» e fechou a porta com um arremesso. O barulho resou em toda a casa como um trovão. Cada salla no andar de cima, e cada pipa nos armazens debaixo, do negociante de vinhos, pareciam formar um ecco separado. Scrooge não era homem que se assustasse com eccos: deu volta á chave, atravessou o pateo, e subiu as escadas devagarinho, arranjando e espevitando a vella á medida que caminhava.

Estão continuamente fallando das velhas escadarias que se construíam outr'ora, por onde podia subir á vontade um coche puchado a seis, ou o cortejo do parlamento: mas eu digo-lhes que a escadaria da casa onde residia Scrooge era maior, que essas de que fallam; podia-se fazer subir á vontade uma diligencia com a lança para um lado do muro, e a porta do carro para o outro lado, e muito facilmente. Havia immenso lugar para essa operação, e ainda crescia espaço. Meia duzia de bicos de gaz do tamanho dos da rua, não teriam sido sufficientes para illuminarem o vestibulo: imaginem por isto a claridade que lhe daria a froixa luz da vella de Scrooge!

Scrooge continuava a subir sem dar a essas coisas a mais pequena importancia; a escuridão é barata, e Scrooge estimava-a por essa razão. Mas antes de se decidir a fechar a pesada porta, passeiou atravez das sallas a fim de ver se tudo estaria no seu lugar, em consequencia talvez de se recordar da mysteriosa figura.

A salla de visitas, o quarto de dormir e a sal-

la d'espera, estavam como deviam estar. Ninguem estava debaixo da mesa, nem do sophá: no fogão alguns carvões accesos: colher e chavena promtis: e sobre a trampe uma chocateira com agua de cevada (porque Scrooge achava-se endefluxado). Ninguem appareceu debaixo da cama, na cozinha não viu ninguem, nem tão pouco dentro do roupão, que estava dependurado na parede, em attitude suspeita.

A salla de vestir tinha a apparencia ordinaria. Uma grade de fogão velha, sapatos velhos, lavatorio sobre tres pernas e um aticador.

Scrooge completamente satisfeito com as suas pesquisas cerrou a porta e fechou-se por dentro, a duas chaves contra o seu costume. Julgando-se assim a salvo de qualquer surpresa, tirou a gravata, enfiou o roupão, calçou os chinellos, e sentou-se em frente do fogão para tomar o cozimento de cevada:

O fogo estava quasi extincto: pouco ou nada era para noite tão fria. Foi obrigado a conchegar-se, e quasi acocorinhar-se sobre elle, para poder extrahir a mais diminuta sensação de calor, daquella pitada de carvão. O fogão era muito velho, naturalmente mandado fazer ha muito tempo por algum negociante hollandez, e guarnecido em volta com exquiritos ladrilhos hollandezes, representando scenas da Escripura. Havia alli Cain e Abeis; filhos de Pharaó, Rainhas de Sabá, Mensageiros angelicos descendendo atravez do ar sobre nuvens, como sobre camas de pennas, Abrahões, Balthasares, Apostolos embarcando-se em bateis com forma de manteigueiras, centos de figurinhas, para attrahir as ideias de Scrooge: e não obstante a physionomia de Marley, morto ha sete annos, vinha como a antiga vara do Propheta absorver o resto. Se cada um dos ladrilhos começasse por estar em branco e tivesse o poder de formar na superficie uma figura com os varios pensamentos de Scrooge, não haveria duvida que em cada ladrilho se veria uma copia da cabeça de Marley.

—Asneiras! disse Scrooge: e principiou a passear d'um lado para outro da salla.

Depois de varios passeios a todo o comprimento da salla, sentou-se de novo. Na occasião em que recostava a cabeça na cadeira, o seu olhar fixou-se casualmente sobre uma campainha, uma campainha desusada suspensa na salla, e communicando, para algum fim agora esquecido, com o quarto no ultimo andar da casa.

Foi com grande pasmo, e com susto extraordinario e inexplicavel que viu a campainha principiar a bambaliar-se. A principio tão devagarinho se movia, que nem sequer dava o menor som: mas não tardou muito que principiasse a soar alto, sendo correspondida por cada campainha na casa.

Não durou isto mais que meio minuto ou quando muito um minuto, mas esse tempo pareceu a Scrooge uma hora. As campainhas cessaram ao mesmo tempo, exactamente como tinham principiado. Succedeu-lhe um tinido de ferros, procedendo das partes subterraneas da casa, assim a modo d'alguma pessoa que estivesse arrastando uma pesada cadeira sobre as pipas da adega do negociante de vinhos. Scrooge recordou-se então de ouvir dizer que as almas do outro mundo nas casas onde appareciam, costumavam sempre arrastar cadeias.

Ouviu-se abrir a porta d'adega com grande barulho, e depois seguiu-se ruido nas escadas do fundo, em seguida mais acima, e finalmente proximo á porta do quarto.

—Asneiras! murmurou Scrooge: eu não acredito n'essas coisas!

Mudou todavia de cor quando n'um momento, sem a menor pausa, o phantasma passou atravez da pesada porta, e veio collocar-se-lhe no quarto mesmo em frente dos seus olhos. No momento em que elle entrou a chamma amortecida fulgurou, como para dizer: «Conheço-o bem: é o espectro de Marley!» e extinguiu-se de todo.

Aquelle era o mesmo rosto d'elle, exactamente o mesmo.

(Continua)

UMA LÓA DO NATAL EM PROSA

CONTO PHANTASTICO
DO NATAL

POR

CHARLES DICKENS

(Versão do original inglez)

(Continuado do n.º 297)

ESTROPHE II

O primeiro dos tres espiritos

Quando Scrooge acordou, fazia tão escuro, que olhando para fóra do leito, a custo podia distinguir a janella transparente, das paredes opacas do quarto. Esforçava-se em trespassar a escuridade com os seus olhos de furão, quando o carrilhão d'um relógio visinho bateu quatro quartos. Poz-se á escuta.

Com grande pasmo seu o pesado sino caminhou das seis ás sete, e das sete ás oito, e assim regularmente até completar doze toques; então parou. Meia noite!

Já passavam de duas horas quando Scrooge se deitara. O relógio por força estava estonteado. Algum pedaço de gelo se tinha introduzido no machinismo! Meia noite!

Scrooge tocou na molla d'um relógio de repetição que tinha á cabeceira do leito para corrigir aquelle relógio prepostero da terra. O rapido martelinho do relógio bateu na campainha doze vezes... e parou.

—Como! não é possível! disse Scrooge. Te-rei eu dormido um dia inteiro, e ainda em cima parte da noite seguinte! Será possível que tenha acontecido alguma coisa ao sol e que seja meia noite ao meio dia?

Sendo esta ideia bastante assustadora, o nosso heroe saltou abaixo da cama, e ás apalpellas foi dirigindo-se para a janella. Viu-se na necessidade de limpar o gelo da vidraça, com a manga do roupão, para poder ver alguma coisa; ainda assim muito pouco pôde distinguir. Percebeu tão somente, que ainda havia muito nevoeiro e muito frio, e que se não ouvia rumor de gente correndo para cima e para baixo, como tal seria inquestionavelmente o caso, se a noite tivesse expulsado o dia, e este se tivesse apossado do mundo. Foi isto um grande allivio para o bom do homem, porque verificando-se os seus pensamentos que valeriam as suas letras rezando «a tres dias vista pagará por esta minha primeira de cambio, ao sr. Ebenezer Scrooge ou á sua ordem» etc. etc.? Valeriam tanto como hypothecas feitas sobre as montanhas da lua.

Scrooge voltou para a cama, e pensou, pensou, pensou uma, duas, cem vezes no que lhe succedia, sem poder achar a chave do enigma.

Quanto mais pensava, tanto mais perplexo ficava; e quanto mais se esforçava em não pensar, tanto mais depressa os pensamentos lhe acudiam á mente.

O espectro de Marley incommodava-o horriavelmente.

Todas as vezes que resolvia interiormente, depois de maduro exame, não ser tudo aquillo mais que um sonho, o seu espirito, semelhante á mola que cessa de ser comprimida, voltava á sua primeira posição, e apresentava o mesmo problema, para de novo ser resolvido.

«Tudo aquillo era um sonho, ou realidade?»

Scrooge jazeu neste estado até que os carrilhões soaram tres quartos mais; recordou-se então subitamente do espectro lhe ter prophetisado uma visita que devia receber quando o relógio da torre marcasse uma hora. Resolveu conservar-se acordado até que fosse passado esse tempo, e attendendo a que não lhe seria mais facil dormir do que ir para o ceu, foi indubitavelmente aquella a melhor resolução que podia tomar.

O quarto de hora durou tanto, que Scrooge chegou a convencer-se de que forçosamente

tinha dormitado o seu bocado sem ter dado por isso, e de que não ouvira o relógio.

Este por fim feriu-lhe o ouvido attento.

—Dlin, dlon!

—Um quarto, disse Scrooge contando.

—Dlin, dlon!

—Meia hora.

—Dlin, dlon!

—Tres quartos!

—Dlin, dlon!

—Soou a hora, disse Scrooge com ar de triumpho; e nada apparece!

Scrooge fallou antes de bater a pancada que marcava a hora, e que se seguia soando profunda e melancolicamente—UMA HORA!

No mesmo instante brilhou uma luz no quarto e os cortinados da cama foram puxados para o lado.

Os cortinados foram puxados para o lado.— como lhes digo, por uma mão. Não os cortinados aos pés nem á cabeceira, mas sim aquelles para onde Scrooge estava olhando. Os cortinados do leito ficaram abertos, e Scrooge erguendo-se na attitude d'uma pessoa meia deitada, achou-se face á face com o eute sobrenatural que os tinha puxado; tão perto d'elle como eu agora estou de vós, minhas amaveis leitoras e caros leitores, e notem que eu estou em espirito junto das vossas meninas dos olhos.

Era uma figura extraordinaria—assim a modo d'uma creança. E no entanto assemelhava-se menos a uma creança do que a um velho, visto através d'algum prisma sobrenatural, que lhe dava um ar de se ter afastado a distancia, e de ter ido diminuindo até ás proporções d'uma creança. Os seus cabellos, que lhe cahiam pelas costas abaixo, eram brancos, como por effeito da idade; e todavia o rosto não apresentava uma só ruga, e na pelle brilhava o mais suave rosado. Os braços eram muito compridos e musculares; e as mãos igualmente, como se fosse dotado de uma força pouco commum. Os pés, formados mui delicadamente, estavam descalços e as pernas nuas como os membros superiores. O espectro trazia uma tunica do mais puro branco, prendendo-a um cinto luminoso brilhando admiravelmente. Na mão trazia um ramo d'azevinhu cortado de fresco; e em singular contraste com aquelle em-

blema do inverno trazia o vestido adornado de flores do estio. Mas o mais extraordinario n'aquelle personagem era que da corôa da cabeça se espargia um jacto de luz brilhante e claro, que tornava tudo visivel: d'onde provinha sem duvida o uso que fazia, nos momentos de tristeza, em lugar de chapéu, d'um apagador que trazia debaixo do braço.

No entanto não era este o attributo mais extraordinario da apparição aos olhos de Scrooge, que a contemplava attentamente. Porque da mesma forma que o cinto ora brilhava e reluzia n'um lado ora n'outro, e o que era luz n'um momento, tornava-se trevas immediatamente; assim tambem a figura do espectro fluctuava diversamente, ora apparecendo um ente com um só braço, depois com uma só perna, ou com vinte; agora um par de pernas sem cabeça, mais tarde um corpo sem pernas; não deixando os membros, que desapareciam, ficar visivel na obscuridade um só contorno. Em seguida, por singular prodigio tornava-se de novo tão visivel e distincta como sempre.

—Sois acaso, o Espirito cuja vinda me foi profetisada? perguntou Scrooge.

—Sou!

A voz era suave e agradável. Singularmente baixa, como se em logar de lhe sahir da garganta viesse de distancia.

—Quem sois vós? perguntou Scrooge.

—Sou o Espirito do Natal passado.

—Passado ha muito? inquiriu Scrooge notando a sua estatura d'anão.

—Não; o ultimo.

Talvez Scrooge não tivesse sabido dizer, se alguém lhe perguntasse, a razão porque tinha um desejo especial de ver o Espirito pôr o barrete na cabeça; e para satisfazer o seu capricho rogou-lhe que se cobrisse.

—Que! exclamou o Espirito, quererieis acaso extinguir com mão mundana a luz que espalho? Não será bastante já que vós sejaes um daquelles cujas paixões egoistas me obrigam a usar d'este chapéu e me forcem a travez dos seculos a trazel-o na cabeça.

Scrooge negou ter tido intenção de offender o Espirito, e ousou perguntar-lhe que negocio o trazia alli.

—A vossa felicidade.

Scrooge mostrou-se muito reconhecido, mas não pôde deixar de pensar que uma noite de repouso não perturbado, alcançaria aquelle fim mais depressa. De certo o Espirito lhe adivinhou o pensamento, porque lhe disse immediatamente:

—A vossa conversão então. Acautelai-vos.

Ao tempo que passava estendeu-lhe a sua possante mão e segurou-o por um braço.

—Levantai-vos e segui-me.

Debalde Scrooge teria allegado que o tempo e a hora não eram proprias para passeios a pé; que a cama estava quente e o thermómetro alguma coisa abaixo do gelo; que estava vestido ligeiramente, apenas com as meias, roupão, e barrete de dormir; e que naquelle momento o incommodava um terrivel deluxo. O aperto do braço, ainda que ligeiro, como se fosse causado por uma mulher, não era todavia muito para se lhe resistir. Scrooge levantou-se; mas percebendo que o Espirito se dirigia para a janella, segurou-lhe a tunica em attitude supplicante.

—Sou um mortal, observou-lhe Scrooge, e por tanto posso cahir.

—Permitte somente que eu ponha a mão *ahi*, disse o Espirito collocando-lha sobre o coração, e vencereis provações maiores do que esta.

Ao dizer estas palavras, passaram ambos através da parede e acharam-se n'uma estrada d'aldeia com campos d'um lado e d'outro.

A cidade tinha desaparecido completamente: não se via nem o menor vestigio d'ella. A obscuridade e o nevoeiro tinham desaparecido conjunctamente porque era um dia claro, e frio de inverno, com neve por toda a parte.

—Deus do ceu! disse Scrooge, batendo ambas as mãos, e olhando em redor de si. Fui aqui creado. Passei neste logar a minha infancia!

O Espirito olhou-o com bondade. O leve contacto, ainda que instantaneo, tinha despertado a sensibilidade do velho. Este tinha a consciencia d'uma suave fragrança na atmosphera, associada com milhares de pensamentos, d'esperanças, d'alegrias, de preocupações olvidadas de ha muito.

—Tremem os vossos labios, disse o Espirito. E que é o que tendes sobre a face?

Scrooge, com a voz algum tanto tremula, disse que era um cravo; e pediu ao Espirito para que o levasse onde queria.

—Recordais-vos do caminho?

—Se me recordo! disse Scrooge calorosamente... Podia andal-o com os olhos fechados.

—É exquesito que o tivesseis, esquecido por tantos annos! observou o espirito. Caminhemos.

Continuaram a marchar na estrada, reconhecendo Scrooge cada poste, e cada arvore, até que appareceu em distancia uma pequena aldeia com a sua ponte, sua igreja, e com um ribeiro sinuoso. Naquelle momento viram-se trotando em direcção a elles alguns garranos de comprimento pello, montados por buliçosos rapazes, que chamavam outross vindo em carros, governados por aldeões. Todos estes rapazes estavam muito alegres, e gritavam uns pelos outros. Até que os campos ficaram tão cheios desta alegre muzica, que o ar em vibração ria de os ouvir.

—São apenas sombras do que foram, disse o espirito, nenhum desconfia da nossa presença aqui.

Os viajantes alegres adiantaram-se, e á medida que se approximaram, Scrooge reconheceu-os e pronunciou o nome de cadaçum d'elles.

Porque se alegrava elle, vendo-os? Porque lhe fulguravam os olhos, de ordinario sem movimento, e lhe batia o coração, quando elles passaram? Porque ficou elle saltando de jubilo, quando os ouviu desejar uns aos outros boas-festas, ao separarem-se nas encruzilhadas que os levavam cada um a sua casa? Que eram boas-festas para Scrooge? Fóra com o bom Natal! Que bem lhe fizera elle algum dia?

—A escolla ainda não está de todo deserta, disse o phantasma. Ainda alli está um pequeno solitario, esquecido pelos seus amigos.

Scrooge disse que reconhecia o logar, e suspirou.

Deixaram a estrada real, seguindo por um atalho bem conhecido de Scrooge, e dentro em pouco se aproximaram de uma construcção de tijollos vermelhos d'apparencia triste, com uma pequena cupola terminada por um catavento: sobre o tecto estava suspensa uma sineta.

(Continua)

UMA LÓA DO NATAL EM PROSA

CONTO PHANTASTICO
DO NATAL

POR

CHARLES DICKENS

(Versão do original inglez)

ESTROPHE II

O primeiro dos tres espiritos

(Continuado do n.º 1)

Era uma vasta habitação, mas mostrando as vicissitudes da sorte, porque as suas espaçosas salas estavam pouco usadas, os muros estavam húmidos e cobertos de musgo, as vidraças partidas e as portas despedaçadas. As galinhas cacarejavam e espanejavam-se nas cavallarices, e as cocheiras e os telheiros estava sobrepejados de herva.

Nem no interior mostrava mais vestígios do seu antigo estado; porque ao entrar no sombrio vestibulo, e deitando um olhar através de varias portas abertas de diferentes quartos, Scrooge e o Espirito encontraram-nos pobremente mobilados, frios e solitarios.

No ar sentia-se grande cheiro a mofo, e em toda a casa reinava uma mudez glacial, que deixava perceber as vigílias dos moradores, que se levantavam com luz para trabalhar, e não tinham que comer em abundancia.

Scrooge e o Espirito dirigiram-se através do

vestibulo a uma porta situada nas trazeiras da casa; abriu-se a porta diante delles e deixou ver uma sala comprida, melancholica e deserta, e tornada mais deserta ainda por uma fileira de bancos de pinho, e escrivanihas da mesma madeira.

N'uma dellas, junto d'um fogo quasi extinto, estava lendo um rapaz que ficara só: Scrooge sentou-se sobre um banco e chorou, reconhecendo-se esquecido e abandonado como costumava ficar no tempo de rapaz.

Nem um unico ecco occulto na casa, nem o menor ruido dos ratos pelejando sobre o forro, nem o som da gota d'agua meia-gelada cahindo da torneira no pateo da casa, nem o suspiro do vento por entre os ramos do choupo desfolhado, nem o bater surdo da porta do vasio armazem, nem o ligeiro crepitar do fogo—deixavam de fazer sentir sua doce influencia no coração de Scrooge, que deu um mais livre curso ás suas lagrimas.

O Espirito tocou-lhe no braço e apontou-lhe para a creança — imagem representando Scrooge d'outra hora lendo attentamente.

Subitamente um homem vestido exquisitamente, real e distincto á vista, appareceu em pé por detraz da porta de vidraça com uma machadinha á cinta, e conduzindo pelo freio um burro carregado de lenha.

—Aquelle é Ali-Baba! exclamou Scrooge extasiado; é o bom velho Ali-Babá. E' elle—reconheço-o perfeitamente. N'um dia de Natal, em que eu quando era rapaz fiquei abandonado aqui só, veio elle justamente como agora. Pobre creança! E Valentim, e aquelle patife de seu irmão Orson;ahi vem tambem! E como se chama aquelle, que foi posto adormecido sem calças á porta de Damasco; não o vedes? E' o laçao do sultão deitado por terra pelos genios: alli está de cabeça para baixo. Tratem-no como merece. Para que precisava elle d'esposar uma princeza!

Grande surpresa teria sido para os collegas da City, se tivessem ouvido Scrooge despender todo o seu ardor natural em tres assumptos, n'uma voz exquisita, mixto de riso e lagrimas,

e mais se admirariam vendo a animação que se lhe estampava no rosto.

—Ali está o papagaio! exclamou Scrooge, corpo verde, e rabo amarello, com uma coisa semelhante a uma leituga sahindo-lhe da poupa. Pobre Robinson Crusoe, como elle o chamava, quando voltou a casa depois de ter navegado em volta da ilha.

«Pobre Robinson Crusoe, onde estiveste Robinson Crusoe?»

O homem persuadiu-se que sonhava—mas não, não sonhava.

Era o papagaio que sabeis.

Eis—allí Sexta-feira correndo á bahia para salvar a vida.

Vamos, coragem, upa!

Então, com rapida transição, muito diferente do seu character usual, disse, levado de piedade por aquelle outro elle:

—Pobre rapaz!

E exclamou de novo:

—Desejava... murmurou Scrooge mettendo a mão no bolso, e olhando em redor de si, depois de ter enxugado os olhos com a manga do casaco: mas é tarde agora.

—Que temos? perguntou o Espirito.

—Nada, disse Scrooge, nada. Na noite passada veio um rapaz cantar as lóas do Natal á minha porta.

«Desejaria ter-lhe dado alguma coisa; é isto unicamente.

O Espirito sorriu pensativamente e moveu a mão, dizendo:

—Veremos para o Natal seguinte.

A estas palavras, Scrooge viu a figura que o representava quando creança, a luz crescendo, e a sala tornar-se mais escura e mais suja.

Os caixilhos appareceram com fendas, as vidraças quebradas, fragmentos do estuque cahiram do tecto, e apresentavam-se despidas as ripas do travejamento: mas como se faziam estas transformações, era coisa que Scrooge sabia tanto como vós, estimaveis leitores.

Sabia tão somente que tudo aquillo era exacto, que se passara tudo d'aquelle forma; e que alli estava elle novamente só, quando todos os

seus condiscipulos tinham ido passar as ferias com a familia.

Já não lia agora, mas passeiava desesperadamente de um para outro lado. Scrooge olhou para o Espirito, e com um movimento triste de cabeça, olhou anciosamente para a porta.

Abriu-se esta; e uma menina, mais nova que o rapaz, entrou para a sala rapida como uma seta, e enroscando os braços em volta do pescoço d'elle, disse: Meu irmãosinho, meu caro irmãosinho.

—Venho buscar-te para te conduzir a casa, meu irmãosinho, disse a menina batendo as mãos uma contra a outra, e inclinando-se com a força do riso. Venho acompanhar-te para casa.

—Para casa Francisquinha? perguntou o rapaz.

—Sim, disse ella radiante d'alegria, para casa, para sempre, para sempre. O papá está tão diferente do que era, que em casa agora está-se como no céu. Fallou-me com tão bom modo uma noite quando me ia deitar, que não tive medo de lhe pedir mais uma vez para te deixar vir a casa; e elle disse que sim, que virias; e mandou-me de carroagem para te levar. E tu vais ser um homem, acrescentou ella abrindo os olhos, e nunca mais voltarás aqui: mas primeiro vamos passar juntos a festa do Natal, e havemos de divertir-nos como ninguem.

—Tu estás quasi uma senhora, Francisquinha! exclamou o rapaz.

Ella bateu as mãos e riu-se: e procurou fazer-lhe meiguices na cabeça; mas sendo pequenina ainda, riu-se de novo, e poz-se em bicos de pés para abraçar o irmãosinho. Então com o afan proprio de creança, começou a empurrar-o para a porta, e o rapaz sem se fazer muito rogado, acompanhou-a.

Uma voz terrivel no vestibulo, mesmo no vestibulo, exclamou: «Tragam para baixo o bahu do sr. Scrooge», e appareceu no vestibulo o mestre-escóla, que deitou sobre o pobre rapaz um olhar de condescendencia feroz, e fez-lhe perturbar o espirito com um aperto de mãos que lhe deu.

Introduzio-o em seguida, assim como a irmã na sala do rez do chão, a mais fria que existia, em que os mappas das paredes, e os globos celestes e terrestres nos vãos das janellas pareciam gelados de frio. Apresentou então aos dois irmãos uma garrafa de vinho muito ordinario, e um pedaço de cake já bastante rijo, e ao mesmo tempo mandou um creado d'apparencia desprezível offerecer um copo de «qualquer coisa» ao postilhão, que respondeu que ficava muito obrigado, mas que se o vinho era da mesma especie do que bebera antes, preferiria não beber nenhum. N'este meio tempo o bahu do menino Scrooge tinha sido collocado no tejadilho da carroagem: o menino e a irmã disseram adeos do fundo do coração ao mestre, e tendo entrado para o vehiculo atravessaram alegremente o jardim do collegio; as ligeiras rodas faziam saltar, como espuma, os pedaços de neve que cobriam o caminho.

—Foi sempre uma delicada creatura aquella menina, que o mais leve sopro poderia curvar, disse o Espirito; mas tinha um magnanimo coração!

—Oh! se tinha!.. exclamou Scrooge melancholicamente. Tendes razão. Não direi o contrario, Espirito. Deus me defenda.

—Morreu casada, disse o Espirito, e deixou duas creanças.

—Uma só, retorquiu Scrooge.

—E' verdade, disse o Espirito. E' o vosso sobrinho.

Scrooge parecia constrangido, e apenas respondeu brevemente—«Sim».

Apezar de terem deixado a eschola n'aquelle momento, achavam-se já no centro agitado de uma cidade, onde passavam e repassavam sombras humanas; onde percorriam as ruas sombras de carros e carroagens, e havia o arruido real d'uma verdadeira cidade. Por objectos que se viam patentes nas diferentes lojas, bem demonstrado ficava que aqui tambem se celebrava o natal n'aquelle momento. Era de noite e as ruas estavam illuminadas.

O Espirito parou á porta d'um armazem e perguntou a Scrooge se reconhecia aquelle lugar?

—Se conheço! respondeu Scrooge. Foi aqui que eu dei o meu tempo de rapaz.

Entraram. A' vista d'um sugeito com grande cabelleira, sentado atraz d'uma escrivaniha tao alta, que se elle tivesse duas pollegadas mais de estatura bateria com a cabeça contra o tecto, Scrooge exclamou muito entusiasmado:

—E' o velho Fezziwig! Deus me perdoe: é Fezziwig ressuscitado.

O velho Fezziwig pousou a penna, e olhou para o relógio que marcava sete horas. Esfregou as mãos: apertou o casaco: riu-se todo desde os calcanhares até ás pontas dos cabellos, e chamou com voz forte, sonora, rica, cheia e jovial:

—Olá! Ebenezer! Dick!

A figura do outro Scrooge, tornado agora já rapaz, entrou vagarosamente acompanhado do seu companheiro nas lides do negocio.

—E' Dick Williams, não ha duvida! disse Scrooge ao Espectro. E' elle, é elle, meu Deus! Era-me muito afeiçoado aquelle Dick! Pobre Dick, coitado!

—Olá meus rapazes, disse Fezziwig, nada mais de trabalho por hoje. E' a vespera de Natal Dick. Boas festas Ebenezer. Vá, fechem-se as portas n'um momento, accrescentou o velho Fezziwig batendo as mãos alegremente.

Ninguem acredita como n'um abrir e fechar d'olhos pozeram mãos á obra os dois rapazes. Carregaram com as portadas até á rua—uma, duas, tres,—collocaram-nas nos seus logares—quatro, cinco, seis—pozeram os ferrolhos, e as chavetas—sete, oito, e nove—e voltaram, antes que chegasseis e contar até doze, offegantes como cavallos de corridas.

—Olá! gritou o velho Fezziwig, deixando-se escorregar de junto da alta escrivaniha, com maravilhosa agilidade. Vamos a arrumar isto, e deixemos a sala livre aqui. Vamos Dick; anda depressa Ebenezer.

(Continua.)

UMA LÓA DO NATAL EM PROSA

CONTO PHANTASTICO DO NATAL

POR

CHARLES DICKENS

(Versão do original inglez)

ESTROPHE II

O primeiro dos tres espiritos

(Continuado do n.º 3)

Arrumar! Não havia nada que elles não fizessem ou que não podessem fazer estando presente o velho Fezziwig. Tudo se fez n'um minuto. Todos os objectos transportaveis foram tirados do seu lugar para não impedirem a passagem foi varrido; e burrifado o soalho, arranjados os lampiões; no fogão foi lançado um montão de carvão; e o armazem ficou transformado n'uma sala de baile tão linda, quente, comoda e aciadada, como os meus leitores desejariam ver em noite de inverno.

Entrou um tocador de rebecca com um livro de musica; subiu á alta escrivania, e arranhou umá orchestra, improvisando sons semelhantes aos vagidos produzidos por incommodos do estomago. Entrou em seguida Mistress Fezziwig, toda ella um sorriso substancial. Vieram depois as tres meninas Fezziwigs radiantes e amaveis, e a traz d'ellas seis pretendentes cujos corações as ingratas espedaçavam, e depois entraram todos os rapazes e raparigas empregadas no trafego commercial da casa; depois a creada grave com o seu primo padeiro; depois o cosinheiro, com o amigo intimo de seu irmão, o fornecedor de leite; depois o aprendiz

da loja fronteira, com apparencia de não ter bastante que comer em casa de seu amo; e procurando esconder-se atraz da creadinha da casa, duas portas abaixo, á qual estava mais que provado, que a ama puxara as orelhas. Assim entraram uns atraz dos outros; este com modos d'envergonhado, aquelle com ademanos de corajoso, e aquelle outro empurrando os convivas; finalmente entraram todos d'um modo ou d'outro, não importa como.

Romperam a dança vinte pares ao mesmo tempo dando as mãos e formando circulo; metade avançam, e metade retrogradam; ora estes se balanceam em cadencia, ora aquelles seguem o movimento geral; os pares velhos, não atinam com a dança, e continuamente se enganam; os rapazes e raparigas tratam de os desconcertar completamente e afinal termina tudo em confusão geral. Quando se chegou a este bello resultado, o velho Fezziwig bateu as palmas para fazer cessar a quadrilha e gritou «Bravo! muito bem!» e o da rebecca introduziu a sua avermelhada caraça dentro d'um cangirão de (1) porter, alli collocado para esse mesmo fim. Mas tendo em pouca conta o repouso, quando reapareceu sabido do cangirão, apesar de ainda não estarem formados os pares, começou a tocar com tal furia, que fazia acreditar que o primeiro muzico fora levado para casa em padiola exausto de forças, e elle viera para o desbancau ou então terminar com a vida.

Seguiram-se mais danças e joguinhos de prendas, e mais danças e um grande cake, e serviu-se vinho quente com noz muscada, e uma grande peça de *roast-beef* frio, e tortas de picado, e cerveja em abundancia. Mas o melhor do sarau ou da festa, foi depois de servido o *roast-beef* quando o da rebecca (fino mastim! palavra de honra,—homem dos diabos que sabia do seu officio melhor do que os senhores todos, ou eu!) começou a tocar o «Sir Roger de Coverley!» Agora o vereis! Ah! me salta para a frente o velho Fezziwig afim de dançar com a esposa. Collocaram-se na cabeceira da sala, e então é que foi o bonito! Tinham a dirigir vinte trez ou vinte quatro pares, com quem não se podia brincar; gente que queria dançar, e não sabia que coisa fosse o dar um passo!

(1) Cerveja preta.

Mas ainda que o numero dos pares fosse duplicado ou quadruplicado, o velho Fezziwig e sua cara metade haveriam-se bem com elles.

Se este não é um elogio de polpa, forneçame um melhor, que eu o usarei convenientemente. As canellas de Fezziwig refulgiam uma luz positiva; e brillavam no meio da dança como duas luas. Appareciam e desappareciam como os fogos fatuos.

Quando o relógio bateu as onze, desfez-se este baile domestico. Os dois esposos Fezziwig foram tomar os seus logares, cada um encostado á hobreira da porta, e á medida que cada convidado masculino ou feminino se retirava, apertavam-lhe a mão com inequivocos signaes de agradecimento, e desejando-lhes boas festas. Quando todos se tinham retirado, á excepção dos dois apprendizes, a esses mesmos fizeram a mesma cerimonia. As vozes alegres foram-se extinguido pouco a pouco e os dois rapazes metteram-se na cama que era n'uma alcova do armazem.

Durante todo o tempo que durara a função Scrooge parecia um homem que perdera o juizo. A sua alma e o seu coração estavam n'aquelle lugar com o seu primeiro elle.

Reconhecia tudo, recordava-se de tudo, gosava tudo, e soffria a mais extraordinaria agitação. Foi tão somente quando os rostos radiantes de satisfação, do seu outro elle e de Dick tinham desapparecido de diante de seus olhos, que se recordou do Phantasma, e que teve a consciencia de que este ultimo o considerava attentamente, enquanto a aureola de luz refulgindo-lhe da cabeça, brillava cada vez mais.

—Pouco basta, disse o Phantasma, para obriagar á gratidão desta pobre gente.

—Pouco! echoou Scrooge.

O Phantasma fez-lhe signal para que escutasse os dois apprendizes que soltavam entusiasticos hurras! em louvor de Fezziwig, e acrescentou quando Scrooge prestou attenção: —Pois não é assim? Não basta pouco? Fezziwig despendeu poucas libras do vosso dinheiro mortal; tres ou quatro talvez. E' isto o que merece tantos elogios?

—Não é tanto assim, disse Scrooge tomando calor com a observação, e fallando como o Scrooge d'outr'ora, e não como o Scrooge de

hoje. Não é assim, Espirito. Fezziwig tem o poder de nos tornar felizes ou infelizes, de tornar o nosso serviço ligeiro ou pesado,—um prazer ou uma tarefa.

Dizei muito embora que o seu poder consiste em palayras e olhares, em coisas tão ligeiras e insignificantes que é impossivel adicional-as e contal-as, mas que se segue então? A felicidade que nos faz gozar é tamanha, como se fosse á custa d'uma fortuna.

Sentiu o olhar do Espirito e fez pausa.

—Que tendes? perguntou o Espirito.

—Nada.

—Pareceis ter alguma coisa? insistiu o Espirito.

—Nada, disse Scrooge, nada. Desejava dizer agora uma palavra ou duas ao meu caixeiro. Nada mais.

O seu primeiro elle apagou as luzes á medida que elle reprimia este seu desejo: e Scrooge e o Espirito de novo se encontraram ao lado um do outro ao ar livre.

—O meu tempo está a findar, observou o Espirito. Depressa!

Estas palavras não eram dirigidas a Scrooge nem a alguém que elle podesse ver, mas produziram um effeito immediato, porque de novo Scrooge viu-se a si proprio. Era mais velho agora; um homem na flor da idade. O seu rosto não tinha as feições duras e severas da maturidade; mas principiava a exhibir signaes dos cuidados e da avariza.

Havia no seu olhar um movimento avido, ardente e inquieto, demonstrando a paixão que n'elle ganhara raizes; e advinhava-se já onde iria projectar-se a sombra da arvore que ia crescendo.

Não estava só: achava-se sentado ao lado de uma linda menina trajando de luto, e em cujos olhos brotavam lagrimas, scintillando á luz projectada pelo Espirito do Natal passado.

—Pouco importa, dizia ella suavemente, pelo menos a ti. Um outro idolo veio substituir-me, e se elle te poder alegrar e acarinhar no porvir como eu tentaria fazer, não tenho tanta razão para me affligir.

—Que idolo te substituiu? perguntou elle.

—O idolo do ouro!

—O mundo é assim! disse elle. Não ha nada que trate com mais dureza do que a indigencia;

e não ha nada que tenha o poder de condemnar com tanta severidade, como o desejo das riquezas.

—Receias demasiado a opinião do mundo, respondeu com doçura a menina. Sacrificaste todas as tuas esperanças ao desejo de te collocares a coberto do desprezo sordido do mundo. Tenho visto todas as tuas nobres aspirações desfolharem-se uma a uma até seres absorvido pela paixão dominante, o lucro. Não tenho razão no que digo?

—E d'ahi que se segue? Quando mesmo com o andar dos annos, eu cobrasse mais lino, que se seguia d'ahi? Não mudava com referencia a ti.

A menina meneou a cabeça.

—Pois estarei mudado a tal respeito?

—O nosso contracto é muito antigo. Firmamol-o quando ambos eramos pobres, e estavamos satisfeitos com a nossa sorte, aguardando o dia em que podessemos melhorar a nossa fortuna d'este mundo pela nossa paciente industria. Tu tens mudado demasiado. Quando juramos o nosso amor eras um outro homem.

—Eu então era uma creança, disse elle com impaciencia.

—A tua propria consciencia te diz que não eras o que és hoje. Eu sou a mesma. O que nos promettia felicidade quando tinhamos um só coração, é a fonte de todas as desgraças agora que possuímos dois. Não te direi quantas vezes e com quanta amargura tenho pensado n'isto! Basta que me recorde, para agora te restituir a tua palavra.

—Procurei eu alguma vez desquitar-me d'ella?...

—De palavras, não, nunca.

—Então, como?

—Mudando completamente; o teu genio já não é o mesmo; já não possues o espirito jovial d'outr'ora: a athmosphera que te rodeia é totalmente outra; a esperança, alvo da tua vida, é tambem outra. Finalmente, mudou tudo o que poderia tornar o meu amor d'algun valor a teus olhos. Se não existisse entre nós um contracto, disse a menina olhando-o com suavidade, mas com firmeza ao mesmo tempo, dizeme, virias hoje procurar a minha mão?... oh não!

A imagem de Scrooge, mau grado seu, pa-

pareceu curvar-se ante a justiça de tal suposição.

No entanto não quiz dar o seu braço a torcer e disse:

—Essa não é a tua opinião.

—Bem me aprouvera pensar d'outra forma, se podesse, respondeu ella. Deus o sabe! Para eu me haver convencido d'uma tal verdade, era necessario que ella fosse bem patente e irresistivel.

Mas se hoje ou amanhã fosses tão livre como hontem, poderia eu acreditar que escolheses para esposa uma rapariga sem dote—tu que nos teus momentos de confidencia para comigo, pesavas tudo na balança do interesse? ou, se me escolheses, prevalecendo sobre os teus ruins principios a amizade para comigo, não tenho eu a convicção de que em breve se seguiria o arrependimento por assim tees obrado? Restituo-te a tua palavra, de todo o coração, em nome do nosso antigo amor.

A imagem de Scrooge ia a fallar, mas a menina com a cabeça voltada para o lado continuou:

—Talvez, quem sabe—a recordação do passado, faz-me quasi esperar que assim ha de ser—soffrerás por tal motivo. Mas em breve tempo, varrer-se-ha da tua memoria essa recordação, como um sonho, de que tiveste a felicidade de acordar a tempo. Oxalá que sejas feliz na vida que escolhetes!

A menina deixou-o, e elles partiram.

—Espirito, disse Scrooge, não me faças ver mais nada! Conduz-me a casa. Porque te delectas em me atormentar?

—Uma sombra mais, exclamou o phantasma.

—Nada mais, exclamou Scrooge, nada mais. Não desejo ver mais nada. Não me mostres mais.

Mas o inexoravel phantasma cingia-o entre os braços, e forçava-o a assistir á marcha dos acontecimentos.

(Continua).

UMA LÓA DO NATAL EM PROSA

CONTO PHANTASTICO DO NATAL

POR

CHARLES DICKENS

(Versão do original inglez)

ESTROPHE II

O primeiro dos tres espiritos

(Continuado do n.º 5)

Achavam-se agora em outro lugar e nova scena se lhe apresentava á vista; encontravam-se n'uma sala, não mui larga ou bella, mas cheia de commodidades.

Junto ao fogão estava sentada uma linda menina, de tal forma semelhante á de que ainda agora fallamos, que Scrooge julgou ser a mesma, até que a reconheceu já mãe de familia, sentada defronte de sua filha.

O rumor n'esta salla quasi se tornava tumultuoso, porque havia alli mais creanças do que poderia contar Scrooge, com o espirito agitado como tinha, e bem differente do rebanho de que resa o poema, não eram quarenta creanças, conduzindo-se como uma só, mas sim cada creança conduzindo-se como quarenta.

Era consequencia necessaria um alarido difficil de se imaginar, mas com que ninguem parecia inquietar-se; pelo contrario, a mãe e a filha riam-se do intimo do coração, e pareciam saborear a scena.

Esta ultima, a filha, tendo-se intromettido

nos brinquedos infantis, foi de subito assalada pelos pequenos, que a tractaram sem mercê.

Que não daria eu para ser um d'elles! Apesar de que eu não seria tão mau! não! não!... por todas as riquezas do mundo, não teria desmanchado e esgadelhado aquelles tão lindos cabellos penteados com tanta arte; e aquelle seu pequeno sapatinho, não o teria arrancado, quando com isso podesse conseguir, Deus me perdoe, a salvação da minha vida!

Quanto a abraçar a sua flexivel cintura, em brinquedo, como se attreveram a fazer aquelles pequenos patifes, não o teria feito com receio de que o meu braço, em castigo do sacrilegio, ficasse arqueado para sempre e nunca mais se podesse endireitar.

E todavia confesso, que do coração desejaria ter tocado os seus labios, tel-a interrogado a fim d'ella os abrir, ficar o meu olhar sobre as pestanas dos seus olhos baixos e fazer-lhe subir o rubor ás faces; ter soltado os seus cabellos ondeantes, cada um dos quaes seria para mim a lembrança mais grata; em summa, ousou confessal-o, desejaria ter tido a mais ampla liberdade de creança, e ao mesmo tempo ser homem para apreciar o valor d'aquella joia.

Ouve-se agora uma pancada na porta, e segue-se immediatamente tal barulho e tal confusão, que a pobre menina, com a physionomia risonha, e o vestido rasgado, foi levada no centro do grupo desordeiro, e chegou a tempo de receber o pai, que entrava em casa acompanhando de um homem carregado com presentes do Natal.

Figurem-se agora os gritos, os assaltos e os combates contra o carreteiro indefezado.

Era cada qual quem mais depressa o escalaria com cadeiras em forma d'escada, quem o despojaria dos embrulhos; um agarrava-o pela gravata, outro quasi o suffocava, estes apalparam-lhe os bolsos trazeiros da veste, aquelles brindavam-n'o com alguns ponta-pes nas barrigas das pernas!

Com que gritos d'admiração e prazer não acompanhavam a abertura de cada embrulho! Que terrivel sobresalto não foi o que teve um

dos pequerruchos no acto de levar á bocca a de uma boneca, e as suspeitas com que todos ficaram de que engulira um ficticio peru, feito de massa de papelão! Com que immensa alegria não é acolhida a noticia de que o alarme fora infundado!

E' impossivel descrever-se a alegria, a gratidão, o entusiasmo!

Finalmente, approximando-se a hora, as creancinhas com as suas emoções, sahiram da sala, e subindo as escadas quatro a quatro, dirigiram-se ao ultimo andar, onde foram para a cama e socegarain.

Scrooge, depois d'isto, olhou com mais attenção do que antes, vendo o dono da casa, com a filha recostada no hombro, sentar-se com ella e a mãe junto do fogão; e quando o accommetten o pensamento de que uma outra creatura semelhante aquella, assim graciosa e cheia de esperanças, poderia ter-lhe chamado pai, e converter em amena primavera o tempestuoso inverno da sua vida, arrasaram-se-lhe os olhos de lagrimas.

—Bella! disse o marido voltando-se para sua mulher com um sorriso; vi esta tarde um teu antigo conhecido.

—Quem era?

—Adivinha.

—Como posso adivinhar?... ah! já sei, acrescentou ella rindo-se como o marido. Foi Mr. Scrooge.

—Elle mesmo. Passei diante da janella do seu escriptorio; e como não estava fechada, e tinha luz dentro, não pude deixar de espreitar. O seu socio está a expirar, segundo me disseram, e elle estava sentado como de costume. Só no mundo, penso eu!

—Espirito, disse Scrooge com a voz entrecortada pela emoção, affasta-me d'este lugar.

—Preveni-vos de que vos mostraria as sombras do passado, respondeu o Phantasma; não é culpa minha se são o que são, e nada mais.

—Affasta-me d'aqui, exclamou Scrooge com impaciencia; já não posso supportar semelhante espectáculo!

Voltou-se para o Espirito, e vendo que este o contemplava com um rosto em que, por uma

singularidade extraordinaria, se divisavam fragmentos de todas as physionomias que antes lhe mostrara, agarrou-se-lhe com força, e exclamou:

—Deixa-me! leva-me d'aqui! cessa de me perseguir.

Na luta, se aquillo se pode chamar uma luta, em que o Phantasma sem resistencia visivel da sua parte, aniquilava qualquer esforço do adversario, notou Scrooge que a luz procedente da cabeça do Espirito se tornava cada vez mais scintillante; e approximando esta circumstancia na mente, com a influencia que o Espirito sobre elle exercia, agarrou o apagador, e com um movimento rapido enterrou-l'ho na cabeça.

O Espirito de tal forma se encolheu, que o apagador pôde-o cobrir em toda a sua extensão; mas apezar de Scrooge comprimir o apagador com toda a força, não podia occultar a luz que por debaixo sahia e se derramava pelo soalho.

A final teve a consciencia de estar exaustado de forças, e carregado de somno, e reconheceu estar no seu leito. Fez novo esforço para comprimir o apagador, mas o braço cahiu-lhe sem movimento; e apenas teria tempo de se voltar no leito, quando cahiu em profundo somno.

ESTROPHE III

O segundo dos tres espiritos

Acordando no meio d'um rumor produzido por um profundo roncar, e sentando-se no leito para coordenar as suas ideias, Scrooge não teve necessidade de ser informado de que o sino hia soar *uma hora*. Conheceu por si proprio que recuperava as ideias a tempo preciso, para o fim especial de ter uma conferencia com o segundo mensageiro enviado por intervenção de Jacob Marley. Mas achando que o ambiente arrefecera demasiado, começou a meditar sobre qual dos cortinados o novo espectro abriria, e afastou-os ambos para o lado com as mãos; e deitando-se de novo, com os olhos começou a vigiar todo o espaço visivel em volta do leito, porque desejava encarar affoutamente

de frente com o Espirito, e não ser surpreendido a ponto de se tornar assustadico.

Os *homens superiores*, que se vangloriam de estar á altura de toda a especie d'emoções, e de poderem a toda a hora fazer frente a qualquer acontecimento imprevisito, exhibem os seus foros de valerosos declarando que jogam a vida com a mesma facilidade com que jogam *cruzes ou cunhos*: nos quaes jogos, indubitavelmente, ha um campo assaz largo, e uma variedade immensa de objectos. Sem me aventurar a proclamar Scrooge um destes Ferrebrazes, não posso todavia escusar-me de observar aos leitores que o bom do homem estava prevenido para um infinito numero d'extraordinarias appareições, e nada o teria feito passar desde o aspecto d'uma creança de mama, até á exhibição d'um rhinoceronte.

Ora esperando elle quasi tudo, por essa mesma razão não estava prevenido para não ver nada; e por consequencia, quando o relógio bateu a *uma*, e nenhuma sombra appareceu, foi o pobre homem accommettido por violentas convulsões. Passaram-se cinco minutos, dez minutos, um quarto de hora e nada. Durante todo este tempo, jazia elle estendido no leito, onde se renniam os raios d'uma luz avermelhada, quando o relógio soou a hora; e sendo sómente uma luz, tornava-se mais pavorosa do que uma duzia d'Espectros, por isso que a Scrooge era-lhe impossivel comprehender o enigma. Demais chegou a ter apprehensões de que se dèsse n'elle algum caso de combustão espontanea, sem ter a consolação de conhecer o accidente.

Por fim começou a pensar—como v. s.^{as} ou eu teriamos logo pensado (dá-se sempre o caso que a pessoa que se não encontra na difficuldade sabe o que se deveria ter feito, e o que inquestionavelmente teria feito em tal caso)—por fim, dizia eu, Scrooge começou a pensar que a origem e o segredo d'aquella phantastica luz devia estar na salla adjacente, da qual, examinando melhor, parecia proceder. Esta ideia de tal forma se apoderou do seu espirito, que ergueu-se d'um pulo, calçou os chinellos devagarinho, e veio encostar-se á porta.

No momento em que Scrooge pousava a mão no ferrolho, chamou-lhe uma voz exquisita pelo nome, e convidou-o a entrar. Scrooge obedeceu.

Era a sua propria salla; não havia duvida alguma. Mas tinha passado por uma transformação surprehendente. As paredes e o tecto tão adornadas estavam com grinaldas de verdura, que ter-se-lhia dito um perfeito bosque-sinho d'onde relusiam, de todas as partes, bagas de carmin. As folhas lustrosas do visco, do azevinho e da hera reflectiam a luz como se tantos espelinhos alli se achassem espalhados; e no fogão crepitava uma chamma tão ardente, como nunca conhecera aquelle lar frio como a pedra, nem no tempo de Scrooge e de Marley, nem por muitos e muitos invernos já passados. Amontoados sobre o soalho, para formar uma especie de throno, viam-se perus, patos, caça, aves domesticas, grandes peças de carnes frias, leitões, grandes filas de choiricos, pasteis de carne picada, *plum-puddings*, barris d'ostras, castanhas assadas, maçãs avermelhadas, laranjas, peras succulentas, grandes cakes de Natal, e immensas tijelas de ponche a ferver obscureceram a salla com o seu delicioso vapor. Sobre este leito de repouso estava sentado um jovial gigante, digno de se ver, tendo na mão uma tocha acceza, cuja forma se assemelhava a uma Cornucopia, a qual elevou acima da cabeça, bem acima, para que a luz fosse dar de chapa sobre Scrooge, que espreitava atravez da porta meia aberta.

—Entre, exclamou o Espirito, entre, e não se assuste, homem.

Scrooge entrou timidamente, e curvou-se ante o Espirito. Já não era o Scrooge trombudo e soberbo d'outra ora; e apezar dos olhos do Phantasma serem limpidos e meigos, não desejava elle muito fital-os.

—Sou o Espirito do Presente Natal, disse o Espectro. Olha direito para mim.

(Continua)

UMA LÓA DO NATAL EM PROSA

CONTO PHANTASTICO DO NATAL

POR

CHARLES DICKENS

(Versão do original inglez)

ESTROPHE III

O segundo dos tres espiritos

(Continuado do n.º 6)

Scrooge obedeceu respeitadamente. O Espirito do Natal trajava um simples vestido, ou túnica de cor verde, e orlado de martha branca. Este vestido cahia tão negligentemente do corpo do Espectro, que o seu largo peito ficava a descoberto como desdenhando procurar occultar-se ou precaver-se por algum artificio. Os pés que se lhe viam distinctamente por debaixo das largas dobras da túnica estavam descalços; e não trazia na cabeça outro ornato alem d'uma corôa d'azevinho entrelaçada aqui e alli com pedacinhos de gelo. Os compridos caracões do cabelo ondeavam-lhe livremente; eram tão livres como a sua physionomia era franca, o seu olhar scintillante a sua mão liberal, a sua voz sympathica, o seu porte desaffectedado e o seu todo jovial. Pedia-lhe da cinta uma bainha de ferro de forma antiga, sem espada, e coberta de ferrugem.

—Nunca visteis antes de mim ninguem que se me assimilasse? exclamou o Espirito.

—Nunca, respondeu Scrooge.

—Nunca andastejs com os membros mais novos da minha familia; quero dizer (porque sou muito novo) os meus irmãos mais velhos nascidos n'estes ultimos annos? proséguiu o Phantasma.

—Parece-me que não, disse Scrooge. Receio que não. Tendes tido muitos irmãos, Espirito?

—Mais de mil e oitocentos, disse o Phantasma.

—Que numerosa familia para sustentar! respondeu Scrooge.

O Espirito do Presente Natal levantou-se.

—Espirito, disse Scrooge, submisso, conduzi-me onde vos aprouver. Fui obrigado a sahir mau grado meu, a noite passada, e recebi uma lição que começa a germinar seus fructos desde já. Se tendes a ensinar-me alguma coisa esta noite, deixai-me aproveitar bem da lição.

—Toca na minha túnica.

Scrooge fez o que lhe recommendou o Espirito, agarrando-se-lhe á túnica com toda a força.

Azevinho, azinheira, bagas, hera, perus, patos, caça, aves, carne, leitões, choiriços, ostras, pasteis, puddings, frutas e punch, tudo desapareceu instantaneamente. O mesmo aconteceu á salla, fogão, mobilia, hora da noite; e acharam-se em manhã do dia de Natal, n'uma das ruas da City, onde o povo (por que o tempo estava demasiado frio) executava um genero de muzica barbaresco, mas com acompanhamento não de todo desagradavel, raspando a neve do passeio em frente dos seus domicilios, ou varrendo-a das goteiras, d'onde se despeñava á rua em pequenas cascatas artificiaes, com grande deleite dos garotos do bairro.

As fachadas das casas pareciam bastante negras, e as janellas ainda mais negras, em contraste com o alvejante lençol de neve espalhado sobre os telhados, e com a neve mais suja da rua, que fôra desfeita pelas rodas das carroças, e carroças. O céu estava sombrio, e as ruas mais estreitas estavam envolvidas em um denso nevoeiro, metade derretido metade coalhado, cujas particulas mais pesadas cahiam n'um chuva de átomos fuliginosos, como se todas as chaminés da Gran-Bretanha, por consenso unanime, tivessem pegado fogo, e estivessem ardendo com grande satisfação sua. Nada havia agradavel nem na apparencia da cidade, nem do clima, e todavia, reinava no exterior um ar de satisfação, que a atmosphera mais clara, e o sol mais brilhante do estio de balde se esforçariam em diffundir.

As pessoas atarefadas a varrer a neve nos telhados, pareciam alegres e de bom humor, e gritavam uns pelos outros, e de quando em quando atravavam a sua bollinha de neve — projectil muito menos inoffensivo que certos graçejos — fazendo grande ruido cordialmente quan-

do ella acertava, e igualmente soltando estridentes gargalhadas quando errava o alvo.

As lojas dos gallinheiros conservavam-se ainda meias abertas, e as dos vendilhões de fructa brilhavam em todo o seu esplendor. Aqui viam-se grandes, e redondos cestos de castanhas, semelhantes na forma aos colletes de velhos gastronomos, parecendo quasi prestes a cahirem na rua victimas da sua corpulencia apoplectica: acolá magnificas e luxuosas cebolas d'Hispanha, fazendo recordar pelas suas arredondadas barrigas os frades seus patricios, e lançando olhares amorosos, do alto das prateleiras, ás raparigas que passavam. Não faltavam as peras e maçãs enfileiradas em appetiveis pyramides; e os cachos d'uvas, que por benevolencia dos logistas, estavam pendurados no lugar mais saliente, afim de que a agua crescesse na bocca aos transeuntes, e estes podessem d'esse modo refrescar-se gratuitamente. Havia tambem montes d'avellãs, verdes e secas, fazendo recordar, pela sua fragancia, os antigos passeios nos bosques, onde cada um tinha o prazer de se enterrar até ao joelho nas folhas estioladas; igualmente se divisavam os *Biffins* de Norfolk (1) fazendo sobresahir o amarello das laranjas e limões, e parecendo recomendar pelo seu volume e apparencia succulenta, que os levassem para casa em cartuxos de papel, afim de serem comidos depois do jantar. Os peixinhos doirados e prateados, expostos em vasos de crystal cheios d'agua no meio dos fructos escolhidos, apesar de pertencerem a uma raça bisonha e apathica, pareciam ter conhecimento de que alguma coisa extraordinaria se passava; e por essa razão iam e vinham com a bocca aberta, em signal de satisfação, e percorriam continuamente o seu pequeno universo.

E os tendeiros! os tendeiros, unicamente com meia porta aberta; mas que bella vista atravez das frestas!

Não era só o som alegre das conchas da balança batendo no mostrador, ou o ruido das thesouras cortando os cartuxos de papel, ou os perfumes do chá e do café de moka tão gratos ao olfacto, ou mesmo as passas tão bellas e tão abundantes, as amendoas tão brancas, os páos de canella tão compridos e tão direitos, as outras especiarias tão deliciosas, as fructas de doce tão bem feitas e tão cobertas d'assucar a ponto de fazerem estremecer os mais indifferentes

(1) *Biffins* — especie de bolinhos.

espectadores; não, nem os ligos succulentos e carnudos, nem as ameixas francezas córando de modestia nas cestinhas aprimoradamente talhadas, nem finalmente todas essas coisas maravilhosas ornadas para um dia tão solemne de festa; não... não era só isto digno de se ver... era necessario ver os freguezes tão apressados e tão avidos em realisarem as esperanças do dia, a ponto de irem de encontro uns aos outros á entrada da porta, ameaçando os cestos das compras, esquecendo os embrulhos sobre o balcão, voltando atraz a buscal-os a toda a pressa, e commettendo mil faltas semelhantes no melhor humor possivel.

Bein depressa os sinos chamaram a boa gente á igreja ou á capella, e ali vem todos, caminhando atravez das ruas com os seus melhores fatos, e com physionomias festivas. Ao mesmo tempo d'uma immensidade de ruas lateraes, viellas e bêcos sem nome, sabiu uma quantidade innumeravel de pessoas, levando os seus jantares a casa dos padeiros, para os metterem no forno. O aspecto d'essa pobre gente pareceu interessar muito o Espirito, porque se conservou ao lado de Scrooge, no limiar da porta de uma padaria, e arrancando a cobertura dos cestos que conduziam os jantares, lançava sobre estes incenço espargido da sua tocha. E na verdade era bem maravilhosa a tocha, porque uma ou duas vezes que se trocaram palavras de colera entre os conductores dos jantares, os quaes com a pressa se tinham pegado uns com os outros, o Espirito espargiu algumas gotas de agua sobre elles e a alegria d'aquella pobre gente reapareceu. Até chegaram a dizer que era uma vergonha altercarem em dia de Natal. E assim era, meu Deus, assim era!

Em tempo determinado os sinos cessaram de tocar e as padarias fecharam-se: e todavia reinava um antegosto de todos os jantares, e do bom cosinhado, no vapor humido que degelava por cima de cada forno, cujo pavimento fumegava como se os tijellos tambem estivessem a cozer.

—Ha algum sabor particular nos pingos que espargis da vossa tocha? perguntou Scrooge.

—Ha certamente; é o meu sabor.

—Póde-se applicar no dia de hoje a qualquer especie de jantar? perguntou Scrooge.

—A qualquer jantar offerecido do coração e principalmente aos dos mais necessitados.

—Porque a esses mais do que a outros? perguntou Scrooge.

—Pela razão de que precisam mais d'elle.

—Espirito, disse Scrooge depois de pensar um momento, admiro que vós, d'entre todos os seres que povoam os mundos que nos circundam, desejasseis privar esta pobre gente das occasiões que se lhes offerecem de gosarem um prazer innocente.

—Eu! exclamou o Espirito.

—Sim vós, visto que os privaes dos meios de jantarem cada oito dias, muitas vezes o unico dia em que se possa dizer que jantam, disse Scrooge. Não é verdade?

—Eu! exclamou o Espirito.

—Não sois vós que fazeis fechar estes fornos no setimo dia? disse Scrooge. E não vem a ser a mesma coisa.

—Eu!... querer tal coisa!...

—Perdoai-me se me engano. Faz-se isso em vosso nome ou em nome de vossa familia, disse Scrooge.

—Ha muitos homens sobre esta terra que habitaes, disse o Espirito, que pretendem conhecer-nos, e que em nosso nome praticam todas as más acções filhas das ruins paixões, como são o orgulho, o odio, a inveja, a hypocrisia e o egoismo; mas são-nos tão estranhos e a toda a nossa familia, como se nunca tivessem vivido. Recordai-vos d'isto, e tornai elles, e não nós, responsaveis pelos seus actos.

Scrooge fez-lhe promessa affirmativa a tal respeito; e então dirigiram-se invisiveis como antes tinham estado, aos suburbios da cidade. Tinha o Espectro a faculdade notavel (que Scrooge já notara em casa do padeiro) de se poder accomodar a qualquer lugar com facilidade, não obstante a sua forma gigantesca, de sorte que debaixo da menos elevada abobeda, conservava tanta graça e tanta magestade como sob o portico mais elegante.

Talvez fosse o prazer que sentia o bom Espirito em patentear bem esta singular faculdade, ou então a tendencia do seu character benevolo e generoso que o levou direito á casa do caixairo de Scrooge: effectivamente lá se dirigiu levando Scrooge agarrado á sua túnica.

No limiar da porta o Espirito sorriu-se e parou para abençoar o domicilio de Bob Cratchit com os pingos da sua tocha. Ora vejam! Bob não tinha mais de quinze *Bobs* (1) por semana! Cada sabbado não mettia no bolso mais do que

(1) Bob é o diminutivo de Roberto, e em gíria popular significa tambem um *schilling*.

quinze copias do seu nome de baptismo, e todavia o Espirito do Natal presente abençoou o seu alojamento de quatro sallinhas!

Levantou-se então *Mistress Cratchit*, esposa de *Cratchit*, trajando pobrememente um vestido já duas vezes voltado, mas abundante em fitas que são baratas, e fazem grande effeito por seis pence; e veio pôr a mesa, ajudada por *Belinda Cratchit*, sua segunda filha tambem abundante em fitas, entretanto que *Pedrinho Cratchit* mettia um garfo na panella das batatas, e mordendo os bicos dos seus colleirinhos monstruosos (propriedade particular do papá, mas que n'aquelle dia trespassara a seu filho e herdeiro.) pavoneava-se por se ver vestido tão elegantemente, morrendo por ir mostrar aos parques o seu enxoval.

E em seguida dois *Cratchits* mais pequenos precipitaram-se no quarto, bradando que acabavam de cheirar o pato diante da porta do padeiro e tinham-n'o reconhecido como o d'elles; e ebrios de prazer com a lembrança d'um molho de salva e cebola principiaram a dansar de contentes em volta da meza, elevando ás nuvens *Pedrinho*, em quanto este (sem orgulho, apezar dos seus colleirinhos serem tamanhos que quasi o suffocavam), abanava ao lume, até que as batatas custosas de cozer, logo que ficaram promptas vieram bater na tampa da panella, para denunciarem que deviam ser desbulhadas quanto antes.

—Que será que tem demorado o vosso excellento pai, disse *Mistress Cratchit*, e vosso irmão *Tiny Tim*; e *Martha*? No Natal passado chegou meia hora antes.

—Eis aqui *Martha*, mãe! disse uma rapariga, apparecendo ao mesmo tempo.

—Ahi vem *Martha*, bradaram as creanças, *Hurrah!* O' *Martha*, sempre temos um pato!

—Ah! minha filha, Deus te abençoe; como vens tarde, disse *Mistress Cratchit*; e desembaraçando-a do chaile e da touca com zelo officioso.

—Tinhamos muita obra para acabar que ficou da noite passada, replicou a menina, e deviamos entregal-a hoje de manhã.

—Bem, bem. Não pensemos mais n'isso: como viste, foi o que nós quizemos, disse *Mistress Cratchit*. Senta-te diante do fogão, e aquece-te.

—Não, não! ahi vem o papá, disseram as duas creanças que appareciam em toda a parte ao mesmo tempo. Esconde-te *Martha*, esconde-te.

(Continua.)

UMA LÓA DO NATAL EM PROSA

CONTO PHANTASTICO DO NATAL

POR

CHARLES DICKENS

(Versão do original inglez)

ESTROPHE III

O segundo dos tres espiritos

(Continuado do n.º 8)

Martha não desejeu vel-o afflictio, ainda sendo por brincadeira, de sorte que sahio prematuramente detraz da porta d'alcova, e atirou-se-lhe aos braços em quanto os dois pequenos rodeavam Tiny Tim, e o levavam á cosinha para que elle ouvisse cantar o pudding na caçarolla.

—E como se portou Tiny Tim? perguntou mistress Cratchit depois de ter ralhado com Bob pela sua credulidade, e depois que este abraçara a filha com grande satisfação.

—Como uma joia, respondeu Bob, ou ainda melhor. Obrigado como elle está a ficar sentado por muito tempo só, não acreditas as muitas ideias que lhe passam pela mente. Disse-me, quando vinhamos para casa, que esperava ter sido notado na igreja pelo povo por ser coxo, pela razão de que os christãos se deviam recordar, principalmente em dia de Natal, d'AQUELLE que faz os coxos andar e os cegos ver.

Martha escondeu-se, e Bob entrou na sala com a manta d'agasalho do pescoço estendida pelo menos tres pés, não fallando na barra; o seu vestuario usado a ponto de se lhe ver o fio, estava muito escovado, para ter seus ares de festa.

Bob acarretava aos hombros o pobre Tiny Tim.

Este infeliz usava uma pequena muleta, e tinha nas pernas um apparelho chyropedico de ferro.

—Onde está a nossa Martha? exclamou Bob Cratchit.

—Ainda não veio, respondeu mistress Cratchit.

—Ainda não veio! repetiu Bob accommettido

subitamente por um profundo desfallecimento e perdendo n'um instante toda a alegria com que trouxera Tiny Tim ás cabriolas desde a igreja. Ainda não ter chegado em dia de Natal!...

Ao pronunciar estas palavras a voz de Bob tornava-se tremula, e mais ainda quando disse que Tiny Tim principiava a fortalecer-se e a tornar-se mais vigoroso.

Ouviu-se tenir no soalho a activa muletinha de Tiny Tim, e antes de ser pronunciada alguma palavra mais, entrou elle escoltado por sua irmãsinha e irmão até ao banco junto do fogão.

Então Bob voltando os punhos da camisa disse: pobre rapaz! como se deste modo fosse capaz de os tornar mais acriados — misturando n'um copo genebra e summo de limão, compoz assim uma especie de bebida quente, que poz a aboborar em cima do fogão, e entretanto Pedrinho e os dois Cratchits pequenos, foram buscar o pato e trouxeram-no em procissão.

Seguiu-se tal borborinho, que se diria ser um pato, de todas as aves a mais rara, — um phenomeno de pennas, comparado com o qual um cygne é uma coisa vulgarissima; e na verdade um pato n'aquella casa era uma das maiores raridades possíveis. Mistress Cratchit fez ferver o molho, preparado d'antemão n'uma pequena caçarola; Pedrinho esmagou as batatas com increditavel vigor; Belinda assucarou o molho de maçã; Martha enxugou os pratos escaldados; Bob fez assentar Tiny Tim junto a si a um dos cantos da mesa; os dois Cratchits pequenos collocavam cadeiras para todos, não esquecendo as suas pessoas, e pondo-se de guarda a seus postos, metteram as colheres na bocca para se não atreverem a pedir pato, antes de lhes chegar a sua vez.

Até que finalmente foram collocados os pratos na meza e resado o benedicite. Succedeu-se uma pausa em que ninguem respirava, quando Mistress Cratchit olhando devagarinho para o trinchador preparava-se a cravar-o no peito do pato; e quando metteu mãos á obra e que o recheio tão cubiçado se espalhou pelo prato, ouviu-se um grito unanime, que todos os circumstantes soltaram de prazer, e até Tiny Tim excitado pelos pequenos, bateu na meza com o cabo da faca, e gritou com voz debil—Hurrah!

Nunca se viu um pato igual. Bob disse que não acreditava nem era possível que alguém tivesse cosido um pato como aquelle. A sua tenura, sabor, tamanho e barateza, foram os temas da admiração universal.

Augmentado com o molho de maçã e com o recheio de batatas picadas, era sufficiente para o jantar de toda a familia; e na verdade, como muito bem disse Mistress Cratchit com grande satisfação (divisando um pequeno atomo d'um osso sobre o prato) não o tinham comido até ao fim! Todavia cada um d'elles satisfizera-se, e

os dois pequenos principalmente enlabusaram-se até aos olhos com o molho de salva e cebolla. Mas então, tendo Miss Belinda mudado os pratos, Mistress Cratchit sahio só da sala — muito commovida para poder supportar a presença de testemunhas — afim de ir buscar o pudding e de o trazer para a meza.

Supponham que ainda não estava prompto! Supponham que elle se quebra quando o voltarem! Supponham que alguém tinha saltado por cima do muro do pateo, e o tinha roubado, em quanto elles estavam satisfeitos com o pato? A esta supposição as creanças fizeram-se lividas! Conjecturaram-se toda a especie de supposições.

Bravo! bravo! que espesso vapor! O pudding fóra tirado do tacho. Que magnifico cheiro como em dia de barrella! E' dos guardanapos que envolvem o pudding. Que mistura de cheiros appetitosos, que fazem recordar o restaurant; e a pastellaria visinha, e a lavadeira na casa seguinte! Era aquillo tudo o pudding.

Meio minuto depois entrou Mistress Cratchit, com o rosto afogueado mas radiante de prazer, trazendo o pudding, semelhante a uma bala de artilheria mosqueada, tão duro e tão firme, n'dando no meio d'um quartirão d'aguardente inflammada, e ornado com um ramo d'azevimo de Natal espetado no topo.

Oh! que maravilhoso pudding! Bob Cratchit declarou, e em tom serio e calmo, que o tinha como a obra prima de Mistress Cratchit depois do seu casamento. Mistress Cratchit respondeu, que confessava agora, visto já estar alliviada do susto que tivera, ter tido suas dividas ácerca da quantidade de farinha necessaria para a confeição do pudding. Todos tinham alguma coisa a dizer a tal respeito, e ninguem disse ou pensou que era um pudding pequeno para uma tão numerosa familia. Na verdade seria proceder de villão, o d'aquelle que se atrevesse a dizer ou pensar semelhante coisa. Qualquer Cratchit córaria de pejo a tal inconveniencia!

Finalmente terminado o jantar foi varrido o fogão, e de novo accendido o fogo. Tendo sido provada a bebida composta por Bob, e considerada muito boa, foram postas sobre a meza maçãs e laraujas, e um punhado de castanhas sobre as brazas. Então toda a familia Cratchit se collocou á roda do fogão ao que Bob Cratchit chamava um circulo, querendo significar metade d'um; e ao alcance da mão de Bob Cratchit collocaram todos os crystaes da familia; dois calices, e um copo para creme com a aza quebrada.

Estes modestos copinhos serviram para receber a bebida quente do cangirão, tambem como as melhores taças d'ouro; e Bob servia a todos com os olhos radiantes d'alegria emquanto no lume estallavam as castanhas.

Bob propoz em seguida este brinde:

—Um alegre Natal para nós todos! Que Deus nos abençoe

O que foi repetido por toda a familia.

—Que nos abençoe a todos! disse Tiny Tim, ultimo de todos.

Estava sentado junto do pai n'um pequeno banco.

Bob conservava na sua mão a mãosinha da creança, como se lhe quizesse dar uma prova da sua ternura e receiasse vel-o arrebatado de ao pé de si.

—Espirito, disse Scrooge com um interesse que nunca antes sentira, dizei-me se Tiny Tim viverá?

—Vejo um logar vago, replicou o Espirito, ao canto do pobre fogão, e uma muleta sem domno, conservada cuidadosamente. Se o Espirito Futuro não alterar nada, a creança morrerá.

—Não, não! disse Scrooge. Oh! não, Espirito bemfazejo! dizei que elle será poupado.

—Se o meu successor nada alterar d'estas visões, imagens do porvir, replicou o Espirito, então nenhum da minha raça encontrará mais esta creança n'este sitio. E então? tanto melhor se elle fallecer; o superfluo da população diminuirá.

Scrooge abaixou a cabeça quando ouviu as suas proprias palavras repetidas pelo Espirito, e possuiu-se d'um profundo arrependimento.

—Homem, disse o Espirito, se tendes um coração humano, e não adamantino, dai treguas a esses odios e phrases, até que tenhaes descoberto o que é o superfluo, e onde existe! Querereis acaso decidir quaes os homens que devem viver e quaes os que devem morrer? Pode muito bem ser que aos olhos de Deus, sejais mais insignificante e menos digno de viver do que milhões de creaturas como o filho d'este desgraçado. Oh! meu Deus! parece incrível ouvir o insecto na folha declarar que são de mais os insectos vivos entre os seus irmãos esfomeados rastejando no pó!

Scrooge curvou-se ante a reprehensão do Espirito, e tremendo deitou os olhos ao chão. Mas levantou-os rapidamente, ao ouvir o seu proprio nome.

—A Mr. Scrooge! disse Bob; á saude de Mr. Scrooge, patrão da Festa.

—Bello futuro, na verdade! exclamou Mistress Cratchit, fazendo-se córada. Desejava vel-o aqui. Havia de o regalar a meu modo, e elle havia de ter appetite se quizesse.

—Minha cara, replicou Bob... as creanças... o dia de hoje...

—E' necessario que seja dia de Natal, com certeza, disse ella, para se poder beber á saude d'um homem tão miseravel, odioso, duro, e ruim como Mr. Scrooge. Tu conheces melhor do que eu as suas boas qualidades! Sabes bem quem elle é.

—Lembra-te, minha amiga, replicou Bob com humildade, que estamos em dia de Natal.

—Beberei á sua saude por amor de ti, e em hora do dia, disse Mistress Cratchit, e não por elle. Desejo-lhe longa vida, um Natal feliz, e um alegre anno novo—hade ser muito feliz e alegre, pois não!

Depois da mãe beberam as creanças á saude de Mr. Scrooge. Era a primeira coisa que faziam n'aquelle dia sem impulso do coração. Tiny Tim foi o ultimo a fazer a saude, mas de boa vontade teria cedido o seu brinde por dois pence.

Scrooge era o Papão da familia; a menção do seu nome lançou sobre aquella sociedade um sombrio veu que se não dissipou por uns bons cinco minutos.

Passado esse tempo ficaram dez vezes mais alegres do que antes, logo que varreram completamente da mente a ideia de Scrooge.

Bob Cratchit disse-lhe que tinha em vista um logar para Pedrinho, que, no caso de se obter, lhe poderia render cinco shillings e seis pence por semana. As duas creanças riram a bandeiras despregadas com a ideia de Pedrinho vir a ser um negociante; e o proprio Pedrinho olhava pensativo para o fogo por entre as pontas dos seus colleirinhos, como se estivesse já deliberando que emprego daria aos seus rendimentos.

Martha, pobre aprendiz em casa d'umo-modista, disse-lhes então que obra tinha agora entre mãos, quantas horas trabalhava sem descansar, e como pensava ficar até tarde na cama no dia seguinte, visto ser dia de repouso e passal-o em casa.

Contou tambem como vira alguns dias antes uma condessa e um lord, e como o lord era da estatura de Pedrinho; ao ouvir o que, Pedrinho puxou tanto pelos colleirinhos, que os leitores não lhe teriam visto a cabeça, se tivessem estado em companhia dos Cratchits.

Durante todo este tempo circulavam as castanhas e o cangirão, e de quando em quando Tiny Tim, com uma voz triste mas melodiosa, entoava uma cantiga sobre um menino enterrado na neve, e entoava-a com maestria.

Em tudo isto não havia nada de muito aristocratico.

Não era uma bella familia a de que fallamos; nenhum d'elles estava bem vestido, os seus sapatos estavam bem longe de poderem obstar á humidade; os vestidos estavam descozidos; e todavia eram felizes, gratos, satisfeitos uns com os outros e com o tempo, e quando Scrooge e o Espirito os deixaram, pareciam ainda mais satisfeitos á luz das chispas originadas pela tocha do Espirito. Scrooge não os largava de vista, e especialmente contemplou Tiny Tim até ao fim.

Neste meio tempo aproximou-se a noite, e a neve começou a cair em grande quantidade; e á medida que Scrooge e o Espirito atravessavam as ruas, viam as lavaredas dos fogões das cosinhas e salas, o que fazia um effeito maravilhoso.

Aqui a chamma vacillante denotava os preparativos para um excellento jantarsinho de familia, com os pratos aquecendo em frente do fogo, e com cortinas espessas d'um vermelho carregado para impedirem o frio e a obscuridade da rua.

Todas as creanças da casa vinham a correr até á neve, ao encontro de suas irmãs casadas, irmãos, primos, tios e tias, desejando ser os primeiros a recebê-los. Acolá viram as sombras dos convivas reunidos desenharem-se nos transparentes; e allí distinguiram um grupo de lindas raparigas, muito agasalhadas e com botinhas forradas de pelles, fallando todas a um tempo, dirigindo-se com andar ligeiro a casa d'alguma visinha; desgraçado então do celibatario (aquellas velhacas feiçoas bem o sabiam! que as visse entrar com aquellas angelicas physionomias animadas pelo passeio!

A julgar pelo numero da gente que se via nas ruas dirigindo-se a reuniões d'amigos, ter-se-hia acreditado que ninguem ficava em casa para receber os convidados quando chegassem; mas era exactamente o contrario; não havia casa onde se não esperassem hospedes, fogão onde o carvão não estivesse empilhado até á abertura da chaminé!

Como o Espirito exultava por tal motivo! como descobria o seu largo peito, e abria a sua larga mão, pairando em cima daquella multidão, e espalhando com generosidade a sua alegria viva e innocente sobre quantos estavam ao seu alcance! Até o proprio lampeanista, caminhando atravez das ruas e dotando-as com chammass de gaz, já vestido e prompto para ir passar a noite a casa d'algum amigo, ria ás gargalhadas quando o espirito passava! mal pensaria o pobre homem que ia caminhando na companhia do proprio Natal.

De repente, sem que o Espirito pronunciasse a minima palavra para prevenir o seu companheiro, acharam-se no meio d'um triste e deserto pantano, onde se viam aqui e allí monstruosas pedras brutas, como se fosse um cemiterio de gigantes. A agua espalhava-se por toda a parte sem que nada a retivesse — ou por outra, espalhar-se-hia se o gelo a não coalhasse, e só se via naquelle solitario logar musgo, giestas, herva brava e enfezada.

(Continua)

UMA LÓA DO NATAL EM PROSA

CONTO PHANTASTICO DO NATAL

POR

CHARLES DICKENS

(Versão do original inglez)

ESTROPHE III

O segundo dos tres espiritos

(Continuado do n.º 10)

No horisonte, para o lado d'oeste, o sol caminhando para o occaso deixara uma lingua de fogo d'um vermelho ardente, que por um momento illuminou esta scena de desolação, como se fôra a vista scintillante d'um olho sombrio, cujas palpebras se vão abaixando pouco e pouco até se fecharem de todo, terminando por se perder na obscuridade da noite.

—Em que lugar estamos? perguntou Scrooge.

—Onde vivem os mineiros que trabalham nas entranhas da terra, replicou o Espirito. Conheçam-me bem. Vede.

Uma luz brilhou na janella d'uma cabana, e para alli se encaminharam elles devagarinho.

Passando atravez do muro de pedra e lama, encontraram uns poucos de companheiros muito alegres, reunidos em redor d'um magnifico fogo.

Um pobre velho e sua mulher com seus filhos e os filhos destes, e mais uma outra geração além, estavam alli reunidos com o seu vestuário domingueiro.

—O bom do velho, com uma voz que raras vezes excedia o arruado e romorejar do vento sobre aquelles desertos terrenos, cantava-lhes uma lóa de Natal. — já fôra de moda na sua meninice—e de quando em quando todos respondiam em côro.

Sempre que elles cantavam sentia o velho redobrar o seu vigor e augmentarem-se-lhe

as forças, mas quando se calavam sentia-se de novo voltar ao seu antigo estado.

O Espirito não parou neste lugar, mas pediu a Scrooge que se lhe agarrasse com força á túnica, e passando por cima do pantano dirigiu-se... onde-lhes parece? Ao mar não, com certeza. Ao mar, sim senhores!

Scrooge olhando á rectaguarda viu com grande horror, a ultima ponta da terra e uma medonha fileira de rochedos; e os seus ouvidos ensurdeceram com o sussurro das ondas, que elevando-se e abaixando-se alternadamente, vinham despedaçar-se contra as medonhas cavernas que tinham cavado, como se n'um acesso de raiva tivessem pretendido minar a terra.

Edificado sobre um rochedo, que fazia parte d'um triste recife, ao lume d'agua, a algumas leguas da praia, e batido durante todo o anno pelas vagas embravecidas, erguia-se um solitario pharol.

Na sua base viam-se montões de plantas maritimas e sobre estas muitos passaros d'arribação—nascidos do vento, poderia alguém julgar, da mesma forma que as algas nascem do mar—elevarem-se ás nuvens, e descerem repentinamente, similhantes ás vagas que elles tocavam com as azas.

Mas mesmo aqui os dois guardas do pharol tinham feito uma fogueira, que atravez do postigo, na espessa pedra, lançava um raio de luz sobre o medonho oceano.

Apertando as mãos callosas por cima da tosca mesa a que estavam assentados, desejaram um ao outro Boas Festas, bebendo o seu grog, e um delle, o mais velho, com o rosto encoscorado e bronzeado pela intemperie da atmosphera, exactamente como estaria a figura da proa d'uma fragata com longos annos de serviço, principiou com voz de trovão um cantico, que se poderia tomar como o ruído da tempestade.

De novo se poz em marcha o Espirito, caminhando por cima do sombrio e agitado mar — e foi andando, andando — até que estando mui distante da terra, conforme elle disse a Scrooge, abordaram a um navio.

Collocaram-se ao lado do marinheiro do leme, do vigia da proa e dos officiaes de quarto, sombrias e exquisitas figuras nas suas occupações; mas cada um d'elles assobiava uma cantiga do Natal, ou pensava no Natal, ou recordava em voz baixa ao seu companheiro algum dia de Natal passado, com as esperanças que seligam a um feliz regresso ao seio da familia.

Todos a bordo, acordados ou adormecidos, bons ou preversos, tinham trocado com seus companheiros palavras mais amigaveis do que em qualquer outro dia do anno; todos tinham partilhado mais ou menos os prazeres daquella dia; todos se tinham recordado dos parentes ou amigos ausentes, acreditando que estes lhe retribuiriam ao longe o mesmo pensamento.

Foi uma grande surpresa para Scrooge, em quanto prestava ouvido attento ao rumor do vento, e pensava quão solemne coisa era o ir caminhando no meio das trevas sobre um abysmo desconhecido, cuja profundidade era um segredo tão impenetravel como a morte, foi uma grande surpresa para Scrooge, como diziamos, em quanto estava mergulhado nestes pensamentos, ouvir uma gargalhada expansiva.

Mas muito maior foi a sua surpresa quando reconheceu que essa gargalhada fôra dada por seu sobrinho, e se encontrou n'um quarto allumiado, quente e acceiado, com o Espirito permanecendo a seu lado sorrindo-se, e deitando a seu sobrinho olhares d'affabilidade.

—Ah! ah! ah!, dizia rindo-se o sobrinho de Scrooge.

Se por qualquer acaso, pouco provavel, tiverem encontrado alguém capaz de se rir com melhor vontade do que o sobrinho de Scrooge, digo-lhes então que muito desejaria conhecer essa pessoa. Apresentem-me esse phenomeno; que desejarei cultivar a sua amizade.

Por uma boa, justa e nobre compensação nas coisas d'este mundo se as molestias e os pesares são contagiosos, não ha nada tambem que o seja tanto como o riso e o bom humor.

Em quanto o sobrinho de Scrooge ria deste modo, amarrando as mãos nas ilhargas, e e fazendo as mais extravagantes contorsões com o rosto, a sobrinha de Scrooge, sobrinha pelo casamento, ria com tanto gosto como o marido. E os amigos reunidos em sua casa não querendo ficar atraz, riam tambem a bandeiras despregadas.

—Ah! ah! ah!

—Palavra de honra! elle disse-me que o Natal era uma asneira! exclamou o sobrinho de Scrooge. E acreditava-o!

—Mais vergonha para elle, Fred! disse a esposa com indignação.

E' um gosto vêr as mulheres; nada fazem por metade, tomam tudo a serio.

A sobrinha de Scrooge era muito linda; excessivamente linda. Tinha uma physionomia tão insinuante, e um ar tão ingenuo que a todos encantava; uma boquinha que parece

fôra feita para nella se darem beijos—e sem duvida o preceito era cumprido; — na barba tinha uma quantidade de pequenas rugas que lhe davam uma graça perfeita quando se sorria—e então os olhos? eram os mais vivos e mais seductores que jámais se viram em creatura alguma. No todo era o que se pode chamar uma belleza provocante, mas prompta a dar uma satisfação por tal motivo—e satisfação convincente.

—A verdade é ser elle um apoquentador de marca, que podia ser mais agradável, disse o sobrinho de Scrooge. Todavia os seus defeitos trazem com elles o seu proprio castigo, e eu nada tenho a dizer contra elle.

—Parece-me que elle é muito rico, Fred, insinuou a sobrinha de Scrooge. Pelo menos tu assim m'o tens dito.

—E que tem isso, minha amiga! disse o sobrinho de Scrooge. A sua riqueza de nada lhe serve; nenhum bem faz com ella; nem elle mesmo se quer a utiliza. Não tem a satisfação de pensar... ah! ah! ah!... que somos nós a quem aproveitará essa riqueza.

—Não posso soffrer o tal avarento! observou a esposa.

As irmãs da dona da casa e todas as outras senhoras expressavam a mesma opinião.

—Eu posso! disse o sobrinho de Scrooge. Tenho compaixão d'elle; não podia zangar-mecom elle, quando mesmo quizesse. Quem soffre por cauza das suas loucas phantasias? Elle mesmo.

Não digo isto por se lhe ter mettido em cabeça aborrecer-nos e não ter querido vir jantar connosco, porque por essa razão apenas perdeu um fraco jantar...

—Sim?... pois a mim parece-me que o senhor nosso tio perdeu um magnifico jantar, interrompeu a sobrinha de Scrooge.

Todos os convidados disseram o mesmo, e deve-se confessar que eram os mais competentes juizes pela simples razão de que o tinham acabado de comer; e com a sobrezeza, estavam chasqueando, e aquecendo-se ao mesmo tempo a um excellente fogo.

—Fallam verdade? Estimo muito saber isso, disse o sobrinho de Scrooge, por que não tenho grande fé nas donas de casa, verdes em annos. Que dizes a esse respeito Topper?

Era claro que Topper tinha lançado as suas vistas sobre uma das irmãs da sobrinha de Scrooge, porque respondeu, que um solteiro era um paria na sociedade, não tendo direito a exprimir a sua opinião sobre tal assumpto; e por esta resposta corou a irmã da sobrinha de Scrooge—aquella que tem ao pescoço um enfeite de

rendas — e não a que está com um ramalhete de rosas na mão.

—Continua, Fred; vamos, disse a sobrinha de Scrooge batendo as mãos. Nunca acaba o que principia a dizer. E' bem ridiculo...

O sobrinho de Scrooge novamente se entregou a um acesso de hilaridade, e como fosse impossivel fugir ao contagio, — apesar de que a rechonchuda irmãsinha tentou obstar-lhe, respirando vinagre aromatico em quantidade—o seu exemplo foi seguido unanimemente.

—Direi unicamente, continuou o sobrinho de Scrooge, que meu tio, tendo-nos pouca affeição, e não querendo vir ver-nos, perde o ensejo de gosar alguns momentos de prazer que não lhe teriam feito mal. Estou certo que se priva de companheiros mais alegres do que os seus proprios pensamentos, e de passar horas de maior satisfação do que as passadas no seu velho e humido escriptorio, e no seu empoeirado quarto. Estou na firme tenção de todos os annos lhe fazer os mesmos offerecimentos quer elle accete quer não, porque tenho pena d'elle. Pode elle até a morte chasquear á sua vontade do Natal, mas não poderá deixar de formar uma melhor opinião—aposto quanto quizerem—quando me vir ir a sua casa, um anno apoz outro, dizer-lhe com bom humor: «Tio Scrooge como passa!»

«Tio Scrooge como passa?»

Se isto sómente o podesse levar a deixar ao seu pobre caixairo umas cincoenta libras, já era alguma coisa. Não tenho a certeza, mas está-me a parecer que lhe fiz alguma impressão hontem.

Chegara agora a vez aos circumstantes de rirem da presumptuosa ideia d'elle ter conseguido impressionar Scrooge. Mas como elle era dotado d'um excellente caracter, pouco se lhe dava do que se riam os seus convidados, com tanto que rissem a faltar, e por isso tratou de avivar a hilaridade de fazendo passar a garrafa de mão em mão.

Depois do chá, tratou-se de muzica. Era uma familia de muzicos, sabendo todos menos mal do seu officio, quando se tratava de cançonetas e arias buffas; especialmente Topper que atrovava a salla com a sua voz de baixo, como o melhor artista, sem necessitar de entumecer as veias da frente, ou tornar-se rubro como o pimentão.

A sobrinha de Scrooge tocava harpa muito bem; e entre outras peças de muzica tocava uma cançoesinha muito simples (uma bagatella que se poderia aprender a assobiar em dois minutos) justamente a canção favorita daquella menina que fôra buscar Scrooge á eschola, confor-

me recordára o Espectro do natal passado.

Quando Scrooge ouviu aquella muzica tão sua conhecida recordou-se então de tudo o que lhe mostrara o Espirito: enterneceu-se cada vez mais, e pensou que se tivera ouvido mais vezes aquella canção, ha annos atraz, talvez tivesse cultivado as affeições da vida, com as proprias mãos, em lugar de ter aguçado a impaciente picareta do coveiro que enterrou Jacob Marley.

Não gastaram toda a noite com a muzica. Passado pouco tempo principiam os joguinhos de prendas; porque é bom que nos torneemos algumas vezes creanças, e nunca em melhor occasião do que no Natal, festa fundada por um Deus-menino.

Meus amigos, attenção! Ah! vai começar a cabra-cega; se havia de faltar este classico joguinho! Olhem que grande patife aquelle Topper! Com os olhos vendados, mas vê mais do que qualquer de nós á hora do pino do sol! Eu estou convencidissimo de que o maroto hia de combinação com o sobrinho de Scrooge, e que o Espirito do Natal presente não era estranho a tal combinação. A maneira porque o fingido cego perseguia a rechonchuda menina do enfeite de renda, era um verdadeiro ultrage á incredulidade da natureza humana. Quer ella deite ao chão os ferros do fogão, ou as cadeiras, ou vá d'encontro ao pianno, para qualquer parte que se dirija o patife segue-a immediatamente. Sabe sempre onde está a menina do enfeite. Não quer agarrar mais ninguem. Se o tivesseis empurrado como fizeram alguns d'elles de proposito, fingiria que vos procurava agarrar, mas d'um modo que seria uma injuria para a vossa intelligencia; e no mesmo instante ter-se-hia desviado em direcção á menind do enfeite. Esta gritava algumas vezes que não era jogo franco, e realmente não era.

Quando Topper por fim chegou a agarrar-a, quando, a despeito da seda do vestido que escorregava, e dos rapidos movimentos da menina para lhe fugir, conseguiu levá-la para um canto d'onde se não podia mexer, então a sua conducta tornou-se abominavel. Porque pretendendo não a reconhecer apalpou-lhe o enfeite da cabeça, e para mais se certificar da identidade da pessoa apertou-lhe um anelzinho, que ella trazia no dedo, assim como lhe segurou uma cadeia que trazia ao pescoço! Vil patife!... tambem não ha a menor duvida em como a menina lhe fez vêr a inconveniencia de sua conducta, porque em quanto outro se occupava a fazer de cabra cega, foram elles para o vão d'uma janella atraz dos cortinados fallar confidentialmente.

(Continua)

UMA LOA DO NATAL EM PROSA

CONTO PHANTASTICO DO NATAL

POR

CHARLES DICKENS

(Versão do original inglez)

ESTROPHE III

O segundo dos tres espiritos

(Continuado do n.º 12)

A sobrinha de Scrooge não tomou parte n'aquelle jogo da cabra-cega, mas foi sentar-se commodamente a um cantinho da sala n'uma magnifica cadeira de braços, com os pés puzados sobre um escabello, tendo atraz de si o Espirito e Scrooge. Nos jogos de prendas entrou ella, e em alguns tornou-se admiravel principalmente no *Onde, Quando e Como?* e com alegria tacita de seu esposo, derrotou completamente suas irmãs, apesar d'estas serem raparigas espertas—senão que o diga Topper. Ao todo deviam alli estar umas vinte pessoas, velhos e novos, mas todos tomavam parte nos jogos; e até Scrooge esquecendo completamente.—tanto era o prazer que sentia pela scena que passara, —que não podia ser ouvido, respondia em altos gritos ás palavras que davam a adivinhar, e muitas vezes encontrava a chave do jogo; porque que diga-se a verdade nenhuma agulha das mais finas, das melhores *White-Chapels*, garantida para não cortar o fio, era mais penetrante de que o espirito de Scrooge, apesar do seu ar apatetado.

O Espectro sentia grande prazer ao vel-o com taes disposições, e contemplava-o com ar

tão benevolo, que Scrooge como uma creança, pediu para ficar até á sahida de todos os convidados.

O Espectro respondeu-lhe, que lhe era impossivel comprazer com a sua vontade.

—Vai começar um novo jogo, disse Scrooge. Só meia hora Espirito, só meia hora!

Era o jogo chamado *Sim e Não*. O sobrinho de Scrooge devia pensar em alguma coisa, e os outros procurar adivinhar no que elle pensava; e não devia responder ás perguntas dos circumstantes, serão por *sim* ou *não* conforme pedisse o caso. O fogo vivo e animado de perguntas a que estava exposto obrigou-o a confessar que pensava n'um animal, um animal vivo, um animal algum tanto desagradavel, animal selvagem, animal que grunhia e roncava algumas vezes; e outras vezes fallava, e vivia em Londres, e passeiava nas ruas, e não se mostrava ao publico por paga, não vivia em jaula, não era morto no matadouro, e não era nem cavallo, nem burro, nem vacca, nem toiro, nem tigre, nem cão, nem porco, nem gato, nem urso. A cada nova pergunta que lhe faziam o bom do sobrinho soltava uma nova gargalhada com tal prazer, que se via obrigado a levantar-se da cadeira e a bater com os pés no chão. Finalmente, a irmãsinha do enfeite de renda, acommettida tambem d'um riso louco, exclamou:

—Adivinhei! Já sei quem é, Fred! Já sei quem é!

—E quem é?

—E' o teu tio Scro-o-o-o-oge!

E tinha adivinhado a menina. A admiração foi geral, apesar de que algumas pessoas notaram que á pergunta «E' um urso?» a resposta deveria ter sido «Sim»—pelo motivo de que uma resposta negativa era o sufficiente para desviar todos os pensamentos de Scrooge, suppondo que alguém d'elle se tivesse lembrado.

—Meu tio Scrooge foi causa da nossa alegria, disse Fred, e mostrar-nos-hiamos ingratos deixando de lhe fazer uma saude. Justamente cada um de nós temos na mão um copo de vinho quente, bebamos pois á saude do tio Scrooge.

—Muito bem! Á saude do tio Scrooge! exclamaram todos.

—Desejemos boas festas e um feliz anno novo ao pobre velho, muito embora seja elle o que fôr.

Não accitaria de mim este cumprimento, mas no entanto ha de tel-o, accrescentou o sobrinho de Scrooge. Á saude do tio Scrooge.

O tio Scrooge impeceptivelmente alegrara-se tanto, e sentiu-se tão aliviado do coração, que teria correspondido ao brinde, apesar dos circumstantes não darem pela sua presença, e ter-lhes-hia agradecido em termos que ninguem ouviria, se o Espirito lhe concedesse o tempo sufficiente. Mas a scena toda desapareceu quando o sobrinho pronunciava a ultima palavra, e tanto Scrooge como o Espirito se pozeram de novo a caminho.

Viram muitas e longiquas terras, e vizitaram algumas habitações, com resultado feliz. O Espirito conservava-se junto do leito dos enfermos e estes alegravam-se; os expatriados julgavam-se no paiz natalicio; os infelizes luctando com a sorte adversa, tornavam-se pacientes com a esperança do porvir, e os indigentes acreditavam nas suas riquezas.

Nas casas de beneficencia, nos hospitaes, nas prisões, em todos os refugios da miseria, onde o homem vaidoso e cheio d'orgulho não tinha podido abusar da sua mesquinha authoridade tão ephemera, para fechar a porta e impedir a entrada do Espirito, este deixava a sua benção e ensinava a Scrooge os seus preccitos de caridade.

Foi aquella uma comprida noite, se foi tão sómente uma unica noite; mas Scrooge tinha suas duvidas a tal respeito, porque lhe pareceu que muitas festas de Natal tinham sido reunidas no espaço de tempo que tinham passado juntos. Dava-se tambem o caso extraordinario de que em quanto Scrooge não soffria a menor alteração na sua forma exterior, o Espirito hia envelhecendo a olhos vistos. Scrooge observara esta mudança, mas nunca n'ella fallára, até que, ao sahirem de certo logar onde algumas creanças celebravam o dia de Reis, lançando os olhos sobre o Espirito, quando a sós, notou que os cabellos lhe tinham encanecido.

—E assim tão curta a vida dos Espiritos? perguntou elle.

—minha vida neste mundo, é muito curta, replicou o Espirito; termina hoje.

—Hoje! exclamou Scrooge.

—Hoje á meia noite. Silencio, aproxima-se a hora.

Naquelle momento os sinos das torres marcavam os tres quartos depois das onze.

—Perdoai-me se a minha pergunta fôr indiscreta, disse Scrooge olhando attentamente para a tunica do Espirito, mas vejo o quer que seja extraordinario, e que vos pertence, sahindo por debaixo da orla da vossa tunica. E' um pé ou uma garra!

—Pode muito bem ser uma garra, a julgarmos pela carne que a cobre, foi a resposta melancolica do Espirito. Olhai.

Das dobras da tunica tirou duas creanças miseraveis, abjectas, de horrivel apparencia, e repugnantes.

Ajoelharam-se ambas a seus pés e seguraram-se-lhes á tunica.

—Oh! homem, olha, olha a teus pés! exclamou o Espirito.

Eram um rapaz e uma rapariga, ambos macilentos, magros, esfarrapados, ferozes apesar de humildes na sua posição.

Aonde uma mocidade graciosa lhe devera ter completado as feições, e tel-as retocado com as suas mais frescas tintas, uma mão rugosa e encarquilhada, como a do tempo tenha-os emmagrecido e enfezado. Alli onde os anjos deviam ter firmado seus thronos, reinavam os demonios lançando olhares d'ameaça e maldição.

Nenhuma mudança, nenhuma degradação, nenhuma decomposição da humanidade, em qualquer grau, atravez de todos os maravilhosos mysterios da criação produziu monstros tão horribes e tão maus.

Scrooge deu alguns passos á rectaguarda, pallido de horror.

Como as creanças lhe tinham sido mostradas pelo Espirito, procurou dizer que eram bonitas, mas as palavras falleceram-lhe na garganta, antes de se tornarem cúmplices de tão enorme mentira.

—Dizei-me Espirito! são vossos filhos? Scrooge nada mais podia dizer.

—São filhos dos homens, disse o Espirito olhando para as creanças. Fogem para mim queixando-se de seus pais. Este rapaz é a Ignorancia, aquella rapariga a Miseria. Acautelai-vos de ambos, e de toda a sua geração, mas sobre tudo daquelle rapaz, porque na sua frente vejo escripta a palavra *condemnação*. Apressa-te a offuscar tal palavra, ó humanidade, exclamou o Espirito apontando para a cidade. Nega a tua culpabilidade se podes; calumnia até os que te accusam; admitte tal desculpa para teus abominaveis fins! Mas guarda-te do futuro!

—Pois elles não teem nenhum refugio, nenhum recurso? perguntou Scrooge.

—Então não existem as prisões? disse-lhe o Espirito ironicamente, retorquindo-lhe pela ultima vez com as proprias palavras de Scrooge. Não existem as casas de trabalho?

Souu meia noite.

Scrooge procurou em redor de si o Espirito e já o não viu.

Quando a ultima badalada cessou de vibrar, recordou-se da predição de Jacob Marley, e levantando os olhos, viu um Phantasma solemne, embrulhado n'um grande capote de capuz, aproximando-se em direcção a elle, como o nevociro rastejando a terra.

ESTROPHE IV

O ultimo dos Espiritos

O Phantasma aproximou-se devagar, com ar grave e silencioso.

Quando chegou junto de Scrooge, este ajoelhou porque o Espirito parecia espalhar pela atmosphera que cruzava, o terror e o mysterio.

Uma comprida tunica escura cobria-o de cima a baixo, occultando-lhe a cabeça, o rosto e a forma, e deixando unicamente visivel um braço estendido, sem o que teria sido difficil differenciar esta figura das sombras da noite, e distingui-la entre a escuridão que a cercava.

Scrooge conheceu bem que o Espectro quando se aproximou era de estatura elevada e magestosa, e que a sua mysteriosa presença o enchia de um terror solemne.

Nada mais sabia porque o Espirito nem fallou nem se moveu.

—Estarei acaso na presença do Espirito do Natal futuro, disse Scrooge.

O Espirito não respondeu e continuou a apontar a mão.

—Deveis mostrar-me as sombras das coisas que ainda não aconteceram, mas deverão acontecer no tempo futuro, proseguiu Scrooge; não é verdade Espirito?

Á parte superior da tunica contrahiou-se por um momento, nas suas dobras, como se o Espirito tivesse inclinado a cabeça. Foi a unica resposta que Scrooge obteve.

Supposto que já acostumado á sociedade dos Espiritos, Scrooge, n'esta occasião recebeu tanto o silencio que as suas pernas principiaram a tremer, e conheceu ser-lhe custoso suster-se em pé quando se preparou a seguir o Phantasma.

Este parou um momento, como observando o estado de Scrooge, e dando-lhe tempo para recuperar as forças.

Mas nem por isso Scrooge conservou mais sangue frio; um terror vago e desusual lhe fazia estremecer os membros, ao lembrar-se que detraz d'aquella sombria mortalha dois olhos de phantasma estavam attentamente fixados sobre elle, e que, apesar de todos os seus esforços, nada mais podia ver do que uma mão d'espectro e um vulto escuro.

—Espirito do futuro! exclamou elle, temovos mais do que qualquer dos outros espectros que vi. Mas como eu sei que a minha felicidade é a vossa mira, e como espero viver para ser um homem totalmente differente do que fui, estou prompto a acompanhar-vos com o maior reconhecimento no coração.

Dar-se-ha caso que me não queiraes dirigir uma unica palavra?

O espectro não lhe deu palavra. A mão continuou a estar estendida para a frente.

—Guiai-me! disse Scrooge. Guiai-me, a noite vai-se adiantando, e o tempo torna-se-me precioso, bem o sei. Guiai-me Espirito.

O phantasma afastou-se do mesmo modo que tinha chegado. Scrooge seguiu-lhe a sombra da tunica, que parecia levantal-o e leval-o longe.

(Continua).

CONTO PHANTASTICO
DO NATAL

POR

CHARLES DICKENS

(Versão do original inglez)

ESTROPHE IV

O ultimo dos Espiritos

(Continuado do n.º 15)

Não se pôde dizer propriamente que entraram na city (1) porque parecia antes que se via a city surgir e rodeal-os com o seu bulício e movimento contrario. Acharam-se no coração d'aquelle bairro commercial, na Bolsa, no meio dos negociantes que corriam apressados d'um lado para o outro, ou faziam tinir o dinheiro nas algibeiras, ou conversavam em grupos, ou olhavam para os relógios, ou brincavam pensativos com os sinetes d'ouro, etc., etc., etc., como Scrooge tivera occasião de ver antes.

O Espirito parou junto d'um pequeno grupo de negociantes. Observando que a mão do seu companheiro estava apontada para o grupo, Scrooge aproximou-se para ouvir a conversação.

—Não... dizia um sujeito gordo com um monstruoso queixo, não sei mais nada. Só sei que elle morreu.

—Quando morreu elle? inquiriu um outro.

—A noite passada, segundo me parece.

—Como!.. de que morreria elle? perguntou um terceiro, tirando uma grande pitada de rapé

(1) City, o bairro de Londres onde se encontram todos os escriptorios, a praça, alfandega, etc.

d'uma immensa caixa de prata. Julguei que o homem não morria...

—Só Deus o sabe! disse o primeiro, com um bocejo.

—Que faria elle ao dinheiro? perguntou um outro de caraça avermelhada, e com uma excrescencia de carne pendente do nariz e bambaleando-se como as cristas dos peñus.

—Eu sei lá, disse o sujeito do queixo grande bocejando novamente. Talvez o deixasse ao seu socio. O que eu sei é que a mim não me deixou nem um penny.

Este gracejo foi recebido com universal gargalhada.

—Deve ser um funeral de pouco custo, continuou o mesmo, porque, palavra de honra, estou certo que não vai lá ninguém. Vamos nós lá para vermos, sem convite?

—Não se me dava de ir se houvesse lunch, observou o sujeito da excrescencia no nariz. Quero ser pago do meu trabalho.

Nova gargalhada.

—Pois bem, no meio de tudo vejo que sou eu o mais desinteressado, disse o que primeiro fallou, porque não ia lá nem por umas luvas pretas, nem por o lunch, mas offereço-me a ir ao enterro se alguém me quer acompanhar. Quando me ponho a pensar bem, não posso deixar de reconhecer que talvez fosse eu o seu maior amigo, porque costumavamos trocar duas ou tres palavras quando nos encontravamos. Meus senhores, até logo.

Foram-se afastando uns e outros e juntando-se a outros grupos. Scrooge conhecia aquellas pessoas, e por esse motivo olhou para o Espirito a fim de lhe pedir explicação do que ouvira.

O Phantasma introduziu-se por uma rua e mostrou com o dedo dois individuos que se encontravam. Scrooge novamente exitou, julgando poder agora encontrar a explicação do que antes ouvira.

Conhecia perfeitamente os dois sujeitos; eram ambos ricos capitalistas, e muito considerados. Scrooge tratara sempre de merecer a estima de elles... no ponto de vista dos negocios, entendia-se; estrictamente no ponto de vista dos negocios.

—Como está? disse um.

—Bem obrigado, e o meu amigo? retorquiu o outro.

—Bom, disse o primeiro. Então o velho So-vina lá foi marchando! heim?..

—Assim me disseram, replicou o segundo... Faz frio não é verdade?

—Não ha esperar outro tempo agora por o Natal. O meu amigo não gosta de patinhar, supponho eu.

—Não, não gostó. Tenho mais em que cuidar. Até á vista.

Nem uma palavra mais. Assim se encontraram, conversaram e partiram.

Scrooge a principio estava um pouco tentado a mostrar-se surpreso por o Espirito ligar importancia a conversas na apparencia tão triviaes; mas intimamente convencido de que deviam ter algum fim occulto, principiou a perguntar a si mesmo a que se refeririam. Não era natural suppor que tivessem a minima relação com a morte de Jacob, seu antigo socio, porque tal acontecimento pertencia ao passado, e o Espirito só estava encarregado do Futuro. Nem podia recordar-se de ninguém do seu conhecimento a quem aquellas palavras se podessem applicar.

Todavia, não duvidando, que a quem quer que fosse que se applicassem, tinham algum fim occulto de moralidade em beneficio seu, resolveu conservar bem presente na memoria não só todas as palavras que ouvisse, como tudo o que presenceasse; e especialmente observar a sua sombra quando apparecesse, persuadido como estava de que a conducta no seu futuro lhe daria a chave do enigma indecifrável até allí, e lhe tornaria a solução facil.

Olhou em redor de si para ver se encontrava a sua imagem n'aquelle lugar; mas outro homem occupava o seu cantinho favorito, e apesar do relógio marcar a hora precisa a que costumava apparecer na Bolsa, não viu ninguém que se assemelhasse consigo em toda gente que se agglomerava no portico para entrar. Este facto, todavia, pouca surpresa lhe causou, porque desde que os Espiritos o principiam a visitar, Scrooge tinha meditado uma mudança de vida, e pensou, e teve a esperanza de que já aquillo era signal de que as suas resoluções estavam em pratica.

Sombrio e immovel conservava-se o Phantasma a seu lado com o braço estendido. Quando Scrooge voltou a si das suas meditações,

imaginou pelo movimento da mão, e pela posição do espectro em referencia a si, que este o estava contemplando physicamente com os seus olhos invisiveis.

Tal pensamento fel-o estremecer e arrefecer muito.

Deixaram esta scena buliçosa dos negocios, e dirigiram-se a um bairro obscuro da cidade, onde Scrooge nunca penetrara antes, apesar de reconhecer a sua situação e a sua má reputação.

As ruas eram immundas e estreitas, as casas e as lojas despreziveis, os moradores meios nus e esfarrapados, miseraveis e embriagados. Os becos e as viellas, como outros tantos esgotos, vomitavam a sua repellente immundicie, e os seus asquerosos habitantes, n'este labirinto de ruas; em todo o bairro respirava-se o crime, a porcaria e a miseria.

No fim d'este infame covil via-se uma loja baixa, tendo na frente um alpendre, na qual se compravam ferros, garrafas, roupa usada, ossos, e os restos dos jantares dos dias antecedentes. No chão, dentro da loja, estavam amontoadas pilhas de chaves enferrujadas, pregos, cadeiados, dobradiças, limas, balanças, pezos, e toda a especie de objectos de ferro. Segredos que poucos teriam a curiosidade de devassar estavam talvez occultos n'esses montes de nojentos farrapos, sob esses montões de comida em corrupção, e sob esses enormes sepulchros de ossos. Sentado no meio dos objectos do seu trafego, junto a um velho fogão, encontrava-se um bregeiro de cabellos ruivos, com perto de sessenta annos de idade, abrigando-se do ar frio do exterior por meio d'uma suja cortina feita de farrapos de variegadas côres. suspensa n'uma corda. O personagem em questão estava fumando n'um cachimbo, e saboreando as fumaças com todo o socego d'espírito.

Scrooge e o Phantasma acharam-se na presença d'este homem exactamente na occasião em que uma mulher, com um volumoso embrulho, se introduzia rapidamente no estabelecimento. Apenas ella tinha entrado quando uma outra mulher, com fardo igual, tambem appareceu, e a esta ultima seguiu-se um homem vestido de preto, com roupa já usada, que não ficou menos surprehendido com a vista das duas mulheres do que ellas tinham

ficado quando ambas se reconheceram mutuamente.

Depois d'alguns segundos de mudo pasmo partilhado igualmente pelo homem do cachimbo, todos tres desataram em gargalhada geral.

—Licença primeiro á jornaleira, exclamou a mulher que entrara primeiro. A lavadeira será a segunda; e em terceiro lugar virá o armador. Olha lá, velho Joe, parece isto um acaso! Não parece que nos combinamos todos tres para aqui nos encontrarmos?

—Não se podiam juntar em melhor lugar, disse o velho Joe, retirando o cachimbo da bocca. Entrem para a salla. Ha muito que você entra aqui como em sua casa, e os dois outros tambem não são estranhos. Esperem que vou fechar a porta da loja! Como ella range!

Em todo o meu estabelecimento não ha pedaço de ferro tão ferrugento como as dobradiças d'esta porta, assim como não ha ossos tão velhos como os meus! ah ah! Estamos todos em harmonia com o nosso officio! Entrem na salla entrem na salla.

A sala era o espaço que se estendia atraz da cortina de farrapos.

O velho, dono do estabelecimento, aticou o fogo com o rabo d'uma vassoura velha, e depois de ter avivado com o bocal do cachimbo a torcida da candeia cheia de fumo, levou-o de novo á bocca.

Em quanto o dono da casa fazia esta operação, a mulher que já fallara antes atirou o embrulho ao chão e sentou-se n'um banco em posição sem cerimonia, collocando os cotovellos nos joelhos e deitando sobre os outros um olhar de desafio.

—E então que maravilha é, mistress Dilber? disse a mulher. Todos tem direito de cuidar de si proprios. E elle durante a vida, fez outra coisa?

—Lá isso é verdade! disse a lavadeira. Ninguém cuidou mais de si do que o tal bargante.

—Então, mulher do mafarrico, não esteja a abrir os olhos como quem tem medo. Ladrão que rouba a ladrão tem cem annos de perdão.

—Oh! Deus queira que se verifique o dictado,

disseram mistress Dilber e o homem ao mesmo tempo.

—Ora então estamos conformes, exclamou a mulher.

E estejam bem certos que ao defuncto não hão de fazer falta estas bagatellas.

—Com certeza que não, disse mistress Dilber sorrindo-se.

—Se o bargante as queria conseávar depois de morto, proseguiu a mulher, porque não fez como toda a gente? Se não fosse tão miseravel teria um guarda para estar junto do leito quando a morte o levou, em lugar de se finar ali para um canto como o mais miseravel animallejo.

—Falla a pura verdade, disse mistress Dilber. Aquillo foi castigo do céu. Altos juizos do Senhor!

—Queria que fosse mais pesadinho um bo-cado, disse a mulher apontando para o embrulho, e teria sido, podem estar certos, se eu tivesse podido por as mãos em alguma coisa mais. Abre esse sacco, velho Joe, e diz-me, o valor do contheudo. Falla com franqueza homem. Não tenho medo de ser a primeira nem receio que elles o vejam. Julgo que sabemos perfeitamente antes de nos encontrarmos aqui que cada um de nós tractava da sua vida. Não ha mal por isso. Abre o embrulho Joe.

Seguiu-se um debate causado pela delicadeza.

Todos a um tempo queriam mostrar o resultado das suas campanhas, e o homem de casaco preto subindo primeiro á brecha apresentou o producto da sua rapina. Não era consideravel—um sinete ou dois, uma lapiseira, um par de botões dos punhos, e um alfinete de pouco valor, eis no que se resumia tudo. Cada objecto foi examinado e avaliado pelo velho Joe, que notou a giz na parede as quantidades que estava resolvido a dar, e somnou o total quando viu que não tinha mais nenhum objecto que receber.

—Esta é a sua conta, disse elle, e não dou six-pence mais, ainda que me fritassem. Quem se segue?

(Continua).

FOLHETIM UMA LÓA DO NATAL EMPROSA

CONTO PHANTASTICO DO NATAL

POR

CHARLES DICKENS

(Versão do original inglez)

ESTROPHE IV

O ultimo dos Espiritos

(Continuado do n.º 15)

Era a vez de mistress Dilber, que apresentou lençoes e toalhas, um vestido, duas colheres de prata de chá, uma tenaz do mesmo metal para assucar e dois pares de botas.

A sua conta foi organizada na parede, como a antecedente.

—Eu pago sempre demais ás senhoras. E' uma das minhas fraquezas, e a causa da minha ruína, disse o velho Joe. Ah! vai a sua conta. Não me peça nem um penny mais... porque se faz grande questão dessas bagatellas, arrependo-me de ter sido tão generoso, e abato-lhe meia coroa.

—E agora, Joe, desata o meu embrulho, disse a primeira mulher.

Joe ajoelhou-se para com mais facilidade abrir o embrulho, e tendo desatado muitos nós, tirou para fóra um grande e pesado rolo d'um objecto escuro.

—Como se chama isto? disse Joe. São cortinados de cama?

—Ah! replicou a mulher soltando uma risada, e debruçando-se sobre os joelhos. Cortinados de cama!...

—Atrever-te-hias a tiral-os com as argolas e o mais, estando alguém a dormir na cama? disse Joe.

—Atrevi-me, sim, replicou a mulher. E por que não?

—Tu nasceste para fazer a tua fortuna, disse Joe, e com certeza a farás.

—Com certeza não escondo as minhas mãos, por amor d'um homem como elle foi, quando estendendo-as e posso trazer alguma coisa; convence-te disto, replicou a mulher friamente. Não entornes o azeite sobre os cobertores. Cautela!

—São os cobertores d'elle? perguntou Joe.

—Então de quem julgas que haviam de ser? replicou a mulher. Não é provavel que agora se constipe com a falta d'elles.

—Morreria o patife d'alguma molestia contagiosa? que dizes, hein? perguntou o velho Joe, parando na sua tarefa, e erguendo os olhos.

—Não tenhas receio d'isso, respondeu a mulher, não preso tanto a sua companhia, que por bagatellas como esta, tivesse ficado junto d'elle, se houvesse o menor perigo... Oh! podes olhar para essa camisa até te arrebentarem os olhos, mas não achas um buraco, nem sequer uma rede tomada. Era a melhor que tinha, e effectivamente é soffrível. Se não fosse eu, tinham-n'a roubado.

—Que queres tu dizer com isso? perguntou Joe.

—Sepultavam-no com ella... é como te digo, replicou a mulher rindo. Já um pateta, não sei quem, o tinha feito, mas eu tirei-a outra vez. Se o algodão não serve para esse fim, não sei então que prestimo tenha. Fica-lhe muito bem ao defuncto, e o pobre diabo não ficara menos aceiado com a camisa d'algodão que troquei pela sua de linho.

Scrooge escutava este dialogo com horror.

Esta gente agiupada em redor da presa, vista á luz amarroada da candeia do velho Joe, causava-lhe tamanho horror e desgosto, que não seriam maiores se estivesse vendo os demônios, mercadejando o proprio cadaver.

—Ah! ah! continuou a mesma mulher rindo, quando o velho Joe, sacando uma bolsa de baeta com dinheiro, contou a cada um a parte dos lucros que lhe tocava. Este é o melhor fim da obra. O *sovína*, em vida, fazia fugir toda a gente de junto de si, para nos dar um lucro depois de morto, ah! ah! ah!

—Espirito! disse Scrooge estremecendo todo da cabeça aos pés, comprehendo, comprehendo. A sorte d'este infeliz podia muito bem ser a minha. E' aquelle o fim de uma vida como a minha! Deus misericordioso, que vejo!

Recuou aterrado porque a scena mudara, e agora quasi que tocava em um leito, mas um leito nu, sem cortinas, sobre o qual, coberto com um lençol em farrapos, jazia um objecto, cujo silencio revelava a sua natureza em muda mas terrível linguagem.

A salla estava bastante escura e tanto que se não podia observar com exactidão que objecto era o que estava sobre o leito; mas Scrooge, obedecendo a um impulso secreto, relanceou a vista em redor, ancioso por conhecer que salla era aquella. Uma luz pallida, vindo de fóra, dava de chapa sobre o leito onde jazia o cadaver d'esse homem, despojado e abandonado, e sem merecer as vigílias, as lagrimas, e os carinhos de ninguem!

Scrooge olhou para o Phantasma cuja mão fatal estava apontada para a cabeça do morto. A mortalha estava lançada com tanta negligencia que bastaria a Scrooge o mais ligeiro movimento de um dedo para descobrir o rosto do morto. Pensou n'isso, conheceu com que facilidade o faria desejou fazel-o; mas teve forças para desviar a mortalha ainda menos a sentiu para sãõ fugir ao espectro que tinha junto a si.

O fria fria, horrída e terrível morte! ergue

aqui o teu altar, e cinge-o de todos os horrores de que dispõe, porque estás no teu dominio! Quando se trata d'uma cabeça amada, respeitada e honrada, não podes conseguir que um só de seus cabellos sirva a teus fins abomináveis fins, nem tornar odiosa uma só das suas feições.

Não é porque a mão deixe de se tornar inerte, e não decaia quando abandonada; não é porque o pulso e o coração deixem de bater: mas essa mão foi outr'ora franca, generosa, e leal, esse coração foi bravo, sensível, e terno; e era um verdadeiro coração de homem o que batia dentro daquelle peito. Fere, fere, de balde morte inexorável! Vais vêr as acções boas d'esse ente renascêrem da ferida que lhe abriste e viverem eternamente neste miseravel mundo.

Nenhuma voz pronunciou estas palavras ao ouvido de Scrooge, e todavia elle ouviu-as quando estava olhando para o leito.—«Se este homem podesse ressuscitar, pensava elle, que diria dos seus pensamentos de outr'ora? A avariza, a cubiça, e a dureza do seu coração, conduzirão-no na verdade a um fim magnífico! Está aqui jazendo nesta caza sombria e abandonada, sem um homem, mulher ou creança, que lhe possa dizer: «Foi meu amigo em tal ou tal circumstancia, e em memoria dos beneficios que me prestou ser-lhe-hei grato agora».

Unicamente um gato estava arranhando a porta, e atraz da pedra do lar ouvia-se o rumor dos ratos que roiam o quer que fosse. Que queriam elles d'este azylo da morte? Porque se mostravam tão insoffridos e turbulentos? Scrooge nem ousou cogitar sobre o caso.

—Espirito, disse elle, este logar é horrível! Ao abandonal-o não esquecerei a lição que me dá, acredita-me. Partamos.

O Phantasma conservava o dedo apontado para a cabeça do cadaver.

—Comprehendo-te, replicou Scrooge, e falohia se podesse. Mas não tenho coragem, Espirito, não tenho coragem.

O Phantasma pareceu contemplal-o com mais attenção.

—Se ha alguém na cidade que sentisse uma emoção dolorosa causada pela morte d'esse homem, mostra-me essa pessoa, Espirito, eu t'oro, disse Scrooge angustiado.

O Phantasma estendeu por um instante a sua escura tunica diante de Scrooge, como uma aza, e tirando-a fez-lhe ver um quarto, allumiado pela luz do dia, onde estavam uma mãe e seus filhos.

A senhora estava esperando por alguém com viva anciedade, porque passeiava com impaciencia d'um para o outro lado da salla, estremecia ao menor ruido, olhava amudadas vezes ora para a ajanella ora para o relógio, tentava, mas debalde, recorrer á agulha, e a custo podia supportar as vozes das creanças quando brincavam.

Por fim retumbou o som portanto tempo esperado do martello batendo na porta. A senhora correu apressada á porta, a sahir ao encontro do marido, que apesar de moço, tinha a phisionomia sulcada de rugas produzidas pelos cuidados. Via-se-lhe impressa uma expressão notavel, uma especie de prazer triste de que tinha vergonha e se esforçava por não demonstrar.

Sentou-se para comer o jantar, que lhe fora guardado junto do lume, e quando sua esposa lhe perguntou o que havia de novo (pergunta que foi feita só depois de longo silencio) elle pareceu embaraçado na resposta.

—Trazes boas ou más noticias? disse ella para o incitar a fallar.

—Más, respondeu elle.

—Estamos de todo arruinados?

—Não, Carolina, ainda ha esperanças.

—Se elle se compadecer, disse ella surprehendida, ainda ha! Se tal milagre se desse, nada seria impossivel n'este mundo.

—A compaixão já não está ao seu alcance, disse o marido; o homem morreu!

A mulher de quem fallamos era uma creatura suave e paciente, se o rosto lhe não mentia, mas ao ouvir aquellas palavras não pôde deixar de agradecer ao céu do fundo da sua alma, e até chegou a render graças em alta voz com as mãos erguidas. Passados poucos momentos pediu perdão a Deus de taes pensamentos e palavras; mas o primeiro impulso brotara-lhe sincero no coração.

—Tornou-se em pura verdade o que me disse a mulher meia embriagada, de que te fallei a noite passada, quando o fui procurar para me conceder mais alguma espera ao pagamento, e como elle me não appareceu julguei que tinha sido desculpa para me evitar. Não só elle estava muito mal, mas até n'aquelle momento estava expirando.

—A quem será transferida a nossa divida?

—Não sei. Mas antes d'esse tempo teremos o dinheiro, e quando por acaso o não tivessemos, seria um bem pungente sarcasmo da sorte, se o nosso futuro credor fosse tão inexoravel como o passado. Podemos hoje dormir com mais socoço, Carolina!

Sim, apesar das suas indoles bondosas, tirara-lhes aquella noticia um peso horrível de sobre os corações.

Os rostos das creanças, agrupadas em redor d'elles para ouvir uma conversa de que tão pouco comprehendiam, animaram-se de uma viva alegria; a morte de um homem trouxera a felicidade a uma familia!

Foi uma verdadeira emoção de prazer causada pelo fallecimento do credor, e que o Espectro pode mostrar a Scrooge.

—Espirito, disse Scrooge, faz-me ver alguma scena de ternura ligada á ideia da morte, ou então não me sahirá da memoria aquelle quarto escuro que agora deixamos.

(Continua).

FOLHETIM
UMA LÓA DO NATAL EMPROSA

CONTO PHANTASTICO
DO NATAL

POR
CHARLES DICKENS

(Versão do original Ingles)

ESTROPHE IV

O ultimo dos Espiritos

(Continuado do n.º 16)

O Espirito conduziu-o atravez de varias ruas que lhe eram familiares, e á medida que caminhavam olhava Scrooge em todas as direcções, esperançoso de reencontrar a sua imagem, mas em parte alguma a via. Entraram na casa do pobre Bob Cratchit, a mesma que elle já visitara, e encontraram a mulher e os filhos em volta do fogão.

Todos estavam socegados, muito socegados. Os pequenos Cratchits, d'ordinario muito traquinas, conservavam-se tão quietos a um canto como estatuas, estavam sentados olhando para Pedrinho, que tinha um livro diante de si. A mãe e as filhas occupavam-se a coser.—Todos conservavam um profundo silencio.

E elle arrebatou uma creança e sentou-a no meio d'elles.

Onde ouvira Scrooge estas palavras? Não as tinha sonhado. Forçosamente o rapaz devia tel-as lido em alta voz quando elle e o Espirito chagaram ao limiar da porta. Porque não continuava elle a leitura?

A mãe pousou a costura sobre a meza, e cobriu o rosto com as mãos.

—A côr d'esta fazenda faz-me mal á vista disse ella.

A côr!... pobre Tiny Tim!

—Estou melhor agora, disse a mulher de Cratchit. Os olhos fatigam-se-me sem duvida

em trabalhar com luz; n'entanto, por cousa nenhuma d'este mundo desejaria mostrar os olhos fatigados a teu pae quando entrasse. Não deve tardar muito, são horas de elle chegar.

—Já elle vem um pouco mais tarde que o costume, respondeu Pedrinho fechando o livro. Parece-me que o pai tem-se demorado mais estas ultimas tardes.

Do novo ficaram todos silenciosos. Por fim a mãe disse com voz firme e risonha, deixando este tom uma unica vez:

—Havia tempo em que elle caminhava depressa, muito depressa com... com Tiny Tim aos hombros; recorde-me bem.

—E eu tambem me recorde; muitas vezes os vi assim.

—E eu tambem, exclamou um outro.

Todos repetiam, «e eu tambem».

—Mas Teny Tim pouco encommodava, continuou a mãe olhando attenta para a costura, e o pae tanto o estimava, que não lhe era penoso... não.—Sinto bater á porta, disse de repente mistress Cratchit; é vosso pae.

A infeliz senhora correu ao encontro de seu marido, e o pequeno Bob com a sua manta de lã—coitado, bem necessidade tinha d'ella!—entrou na salla. O chá estava prompto, e aquecendo no fogão; todos á porfia queriam servil-o ao recém-chegado. Os dois pequenos Cratchits treparam-lhe acima dos joelhos, e cada um delles encostou a sua meiga e mimosa face á do pae como querendo dizer: Não pense n'isso papá. Não esteja afflicto!

Bob mostrou-se muito alegre e para todos teve palavras affectuosas. Olhou para a costura sobre a meza, e elogiou a habilidade e industria de sua mulher e filhas.

—Ha-de-se acabar esta tarefa antes de domingo, disse elle.

—Domingo! Fosteis então hoje...? Roberto, disse sua mulher.

—Sim minha querida, replicou Bob. Desejaria que tivesseis alli hido. Far-te-hei bem ver como estava verdinho o lugar. Ha-des ir vel-o a miudadas vezes. Prometti-lhe que iria alli passear aos domingos... Meu pobre filhinho, exclamou Bob! meu pobre filhinho!...

E saltaram-lhe dos olhos abundantes lagrimas sem que lhe podesse obstar. Para isso era necessario que maior distancia de tempo o separasse de seu filho.

Deixou o quarto e subiu para a salla de cima, que estava bem illuminada, e adornada de flores e grinaldas como no Natal. Havia uma cadeira junto do leito da creança, e tambem signaes evidentes d'algum alli ter estado recentemente.

O pobre Bob sentou-se na devoluta cadeira e depois de ter meditado algum tempo, e quando estava mais socegado, beijou o rosto da creancinha no berço. Resignou-se então com o que acontecera, e tornou a descer mais alliviado... na apparencia.

Todos se aproximaram do fogão e principiam a conversar; a mãe e as filhas continuavam com os olhos pregados na costura. Bob fallou-lhes da extraordinaria affabilidade do sobrinho de Scrooge, que apenas vira uma unica vez e que encontrando-o na rua n'aquelle dia e vendo-o «um pouco... um pouco triste, disse Bob, informou-se com interesse do que me succedera de mau».

«E eu, proseguiu Bob, porque elle é o cavalleiro mais amavel que tenho visto, narrei-lhe tudo.

«—Sinto do coração o que me conta senhor Cratchit, disse elle, não só por si como por sua excellente esposa.

—A proposito como é que elle saberia isso?

—Isso, o que?

—Que tu eras uma excellente mulher, replicou Bob.

—Toda a gente sabe isso, disse Pedrinho.

—Sim senhor!... muito bem dito, meu rapaz, replicou Bob. Espero que toda a gente conheça as boas qualidades de minha mulher.

«—Sinto muito por causa de sua excellente mulher, disse elle; se lhe posso ser d'utilidade para alguma coisa, continuou dandome o seu bilhete de visita, aqui tem a indicação da minha morada. Peço-lhe que me venha fazer uma visita.

—Pois bem, exclamou Bob, fiquei encantado com aquelle moço, não tanto pelos serviços que nos poderia prestar, como pelas suas palavras affaveis e maneiras attenciosas!

Parecia realmente que tinha conhecido o Tiny Tim, e que o carpia como nós.

—Estou certa que esse rapaz é dotado d'uma boa alma, disse mistress Cratchit.

—Mais certa ficarias, minha cara amiga, replicou Bob, se o tivesses ouvido e lhe tives-

ses fallado. Não ficaria muito surpreendido, toma bem nota, se elle arranjasse um melhor lugar para Pedrinho.

—Olha o que diz teu pai, Pedrinho! disse mistress Cratchit.

—E então, exclamou uma das meninas, Pedrinho arranjará uma esposa, e ha de estabelecer-se.

—Vai-te passear, patetinha, retorquiu Pedrinho fazendo uma careta.

—Quem sabe se isso poderá ou não acontecer qualquer dia, quando menos o esperarmos? todavia ha muito tempo para pensar no caso. Mas de qualquer modo, e em qualquer tempo que nos separarmos uns dos outros, estou certo que nenhum de nós esquecerá o pobre Tiny Tim... não é verdade que nunca esqueceremos esta primeira separação?

—Nunca, meu pai, nunca, exclamaram todos.

—Eu bem sei, disse Bob, eu bem sei meus filhinhos, que quando nos recordarmos da extrema bondade e resignação de Tiny Tim—apesar d'elle ser uma creancinha—não será facil altercarmos uns com os outros, porque seria então esquecermo-nos d'aquelle pobre menino.

—Juramos que nunca altercaremos, meu pai, repetiram todos.

—Sou muito feliz! disse o pequeno Bob, muito feliz!

Mistress Cratchit abraçou-o, as filhinhas beijaram-no, os dois pequenos beijaram-no igualmente e Pedrinho apertou-lhe cordialmente a mão. Alma de Tiny Tim a tua essencia infantil era uma emanção da Providencia!...

—Espectro, disse Scrooge, alguma coisa me diz que o momento da nossa separação não está longe. Sei isso, sem saber como terá lugar. Dize-me antes, que homem era o que estava jazendo no leito?

O Espirito do Natal futuro transportou-o, como antes—ajuda que a epocha diferente, segundo Scrooge julgava; na verdade parecia não haver ordem nas ultimas visões, a não ser que todas se referiam ao futuro—transportou-o aos lugares onde se reuniam os negociantes, mas não lhe mostrou a sua imagem, como fizera primeiramente.

O Espirito não parou em parte nenhuma, mas continuou a sua marcha directamente para chegar mais depressa onde desejava, até que

Scrooge lhe supplicou que parasse um momento.

—Este largo, disse Scrooge, que atravessamos com tanta pressa, é o lugar das minhas occupações desde muito. Acolá vejo o meu escriptorio: deixai-me ver o que eu serei um dia.

O Espirito parou; a sua mão designava diferente direcção.

—A casa é alli, disse Scrooge; porque apontaes para diferente lugar.

O dedo inexoravel não mudava de direcção. Scrooge correu apressado á janella do seu escriptorio, e olhou para dentro. Era um escriptorio ainda, mas não o seu. A mobilia já não era a mesma, nem a pessoa assentada á escrivaninha era a sua imagem. O phantasma continuava a apontar como antes.

Scrooge aproximou-se do Espirito, e perguntando a si mesmo porque não veria a sua imagem no escriptorio, e onde teria ido, acompanhou o seu guia até chegarem a uma grade de ferro. Scrooge, antes de entrar, parou para olhar em redor de si; achavam-se n'um cemiterio.

Aqui indubitavelmente jazia sob algumas pás de terra o desgraçado cujo nome lhe ia agora ser revelado. Era um bello lugar na verdade!... cercado de muros das casas vizinhas, invadido pela herva e pelas silvas, antes a morte da vegetação do que a vida; amontoado com innumerables sepulturas, e cheio a mais não poder ser. Bello lugar, na verdade!...

O Espirito conservou-se em pé entre os tumulos e apontou para um. Scrooge aproximou-se a tremer. O Phantasma, era sempre o mesmo, mas Scrooge receiou ver na sua apparencia solemne algum novo agouro de que teve medo.

—Antes de eu me aproximar d'essa lapide, para a qual apontaes, disse Scrooge, respondei-me a uma pergunta. São estas as sombras de acontecimentos futuros, ou de acontecimentos que se poderão realizar?

Por unica resposta o Espirito apontou para o tumulo junto do qual se achavam.

—As resoluções dos homens não podem obstar a certos resultados inevitaveis, se elles perseverarem em caminhar na mesma via, disse Scrooge. Mas se mudam de caminho, os resultados são diferentes. Dar-se-ha esse caso com as sombras que mostraes?

O Espirito conservava-se immovel como antes.

Scrooge arrastou-se até ao tumulo, tremendo cada vez mais á maneira que caminhava; e seguindo a direcção do dedo leu sobre a lapide de uma sepultura abandonada:

AQUI JAZ

EBENEZZER SCROOGE

—Sou então o homem que estava jazendo no leito?! exclamou elle cahindo de joelhos.

O dedo do Phantasma dirigia-se alternativamente do tumulo para elle e d'elle para o tumulo.

—Não, Espirito. Oh! não, não...

O dedo continuava sempre nas mesmas evoluções.

—Espirito! exclamou elle segurando-se-lhe á tunica, ouvi-me! Já não sou o homem que fui. Não serei o homem que viria a ser, se não tivesse a felicidade da vossa interferencia na minha vida. Porque me mostraes essas coisas se já me não é concedida a esperanza de me regenerar?

Pela primeira vez a mão pareceu fazer um movimento

—Bom Espirito, proseguiu Scrooge, prostrando-se a seus pés como antes, vós intercedei por mim e tereis compaixão de mim. Certificae-me que eu poderei ainda mudar essas sombras que mostrateis, mudando de vida!

A mão estremeceu com um gesto de benevolencia.

—Honrarei o Natal, do fundo do meu coração, e esforçar-me-hei por guardar o seu culto durante todo o anno. Viverei no passado, no presente e no futuro: não me abandonarão os tres espiritos porque não quero olvidar as boas lições que me deram. Oh! dizei-me que posso apagar a inscripção d'esta lapide!

Na sua agonia agarrou a mão do Espectro. Este procurou libertar-se, mas Scrooge deteve-o com força. O Espirito, mais forte do que elle, repelliu-o ainda d'esta vez.

Segurando-lhe nas mãos a ver se conseguia a mudança do seu fado, viu uma alteração no vestido e na forma do Phantasma, que foi diminuindo, encolhendo-se, e desapparecendo até que se transformou n'uma columna de leito.

(Continua).

UMA LÔA DO NATAL EM PROSA

CONTO PHANTASTICO DO NATAL

POR CHARLES DICKENS

(Versão do original inglez)

(Continuado do n.º 19)

ESTROPHE V

Fim da historia

Sim senhores! n'uma columna do leito! O leito era ainda o seu, e o quarto o seu tambem sem tirar nem pôr! E o que era melhor que tudo era Scrooge ter ainda diante de si o mesmo espaço de tempo para poder reformar a sua vida.

—Quero viver no passado, no presente e no futuro, repetiu Scrooge saltando d'um pulo abaixo do leito. Viverão comigo as lições dos tres Espiritos. Oh Jacob Marley! Que o Céu e a festa do Natal sejam bemdictas pelos seus bene-

fícios. De joelhos digo isto, velho Jacob, de joelhos o digo!

Estava tão animado e tão orgulhoso com as suas boas intenções, que a sua voz já gasta, a custo correspondia aos seus sentimentos. No seu debate com o Espirito as lagrimas tinham-lhe saltado dos olhos e a sua physionomia estava humedecida.

—Não estão rasgados, exclamou Scrooge, abraçando um dos cortinados, não foram arrancados; ainda aqui estão as argollas, e tudo!

Estão ainda aqui, eu tambem aqui estou; as sombras das coisas que podem acontecer, podem desvanecer-se. Desvanecer-se-hão, estou certo.

Durante todo este tempo as suas mãos estavam a contas com a sua roupa; ora vestia o cazaco do avesso, ora o voltava; agora calçava as meias ás vessas e depois tornava-as a tirar; finalmente entregava-se a toda a casta d'extravagancias.

—Não sei o que faço! exclamou Scrooge rindo e chorando ao mesmo tempo, collocando-se com as meias na posição da estatua de Laoconte com as serpentes enroscadas. Acho-me tão leve como uma penna, tão feliz como um anjo, tão alegre como um rapaz d'eschola, e atordoado como um beberrão. Boas festas a toda a gente, a todos um bom e feliz anno novo! Hola! hola!

Em seguida passou do quarto para a salla de visitas aos saltinhos, e agora achava-se alli quasi sem poder tomar a respiração.

—Ainda alli está a chocolateira com a agoa de cevada! exclamou Scrooge, começando de novo a andar aos saltinhos em frente do fogão. Acolá está a porta por onde entrou Jacob Marley! acolá está o canto aonde se assentou o Espirito do Natal presente! acolá está a janella por onde vi as almas errantes! tudo está no seu lugar, tudo é verdade, tudo aconteceu.... Ah! ah! ah!

Realmente, para um homem que não fizera uso do riso durante tantos annos, era uma gargalhada excellente, e atrevo-me a dizer magnifica! a mãe d'uma mui longa serie d'illustres gargalhadas!

—Não sei em que dia do mez estamos! disse Scrooge, nem quanto tempo estive com os Espiritos. Não sei nada. Sou quasi uma creança! não importa; seja como for. Desejaria bem ser uma creancinha! E', holá, holá.

Os seus transportes d'alegria foram interrompidos pelos sinos das igrejas que repicavam tão alegremente como elle jámais ouvira.

Dlin! dlin! dlon! dlon! don! dlin! dlin! dlon! don! don! dlin! dlin!

—Magnifico! magnifico!

Correndo á janella abriu-a e deitou a cabeça de fóra. Já não havia nevoeiro, nem orvalho; estava um tempo frio mas claro e alegre; o frio era d'esses que fazem dançar o sangue no nosso corpo; um sol d'ouro; um céu divino; a atmosphera fresca e agradável; os sinos eram tañgidos com alegria! Magnifico! magnifico!

—Que dia é hoje? exclamou Scrooge, diri-

gindo-se a um rapaz com vestia domingueira, e que parara talvez para olhar para elle.

—Heim! respondeu o rapaz de bocca aberta.

—Que dia é hoje, meu pequeno? disse Scrooge.

—Como! hoje?... replicou o rapaz, que pergunta! Hoje é—*Dia de Natal*.

—E' dia de Natal, disse Scrooge consigo; não o passei em claro. Os Espiritos fizeram toda a sua obra n'uma noite. Podem fazer tudo o que lhes aprouver—não ha a menor duvida—não ha... Holá, meu rapazinho!

—Que quer? retorquiu o garoto.

—Sabes onde é a loja do gallinheiro, na rua adiante d'esta, á esquina? perguntou Scrooge.

—Ora se não havia de saber! replicou o meliante.

—Rapaz intelligente! disse Scrooge, fino como o coral! Sabes se já venderiam o Perú do premio, que hontem estava na loja em exposição? Olha que não é o Perú do premio mais pequeno; fallo do grande?

—O que?... aquelle Perú que é do meu tamanho?... redarguiu o rapaz.

—Que bello rapaz! disse Scrooge, é um gosto fallar com elle. Sim esse mesmo, meu lindo!

—Ainda lá está.

—Sim? Vai comprar-m'o.

—Está a mangar! exclamou o garoto.

—Não, não, disse Scrooge, fallo serio. Vai compral-o e diz na loja para m'o trazerem aqui, para eu lhes dizer onde o devem levar. Volta

com o caixeiro e dar-te-hei um schilling. Está de volta com elle antes de cinco minutos e dar-te-hei meia coroa.

O rapaz partiu rapido como uma flecha. Devia ter a mão bem firme aquelle que tivesse soltado uma flecha com metade da rapidez com que elle partiu.

—Vou envial-o a Bob Cratchit, disse Scrooge baixinho, esfregando as mãos, e sobrevindolhe a tosse com o riso. Não sabe quem lh'o manda. E' duas vezes do tamanho de Tiny Tim. Brincadeira assim nunca se fez!

A mão com que escreveu a direcção da morada não era das mais firmes—mas d'uma forma ou d'outra, melhor ou peor, sempre escreveu, e desceu as escadas para abrir a porta da rua, prompto para receber o caixeiro do gallinheiro.

Em quanto estava esperando deu-lhe na vista o martello.

—Hei de te amar toda a minha vida, disse Scrooge acariciando-o com a mão. Julgo que raras vezes olhei para ti antes d'agora. Que expressão honesta n'aquelle rosto! E' um martello maravilhoso!

Abi vem o Perú! Holá! Como vai isso? Festas alegres.

Era um Perú! Não era possivel que aquelle ave se tivesse conservado alguma vez de pé! Teria indubitavelmente com o pezo partido as pernas como se fossem paus de lacre.

—Não podes leval-o até Candem Town, disse Scrooge; debes ir em carro.

As risadas que acompanharam estas palavras, e as risadas que soltou quando pagou o Perú, e o carro, e quando recompensou o rapaz, só foram excedidas pelas que deu quando sem poder respirar se veio sentar de novo na sua cadeira, e riu, riu até as lagrimas lhe vi-rem aos olhos.

Barbear-se não era tarefa facil, porque a mão continuava-lhe a tremer; e o barbear requer attenção, mesmo quando a gente não dança em quanto está occupada com aquella operação.

Mas se Scrooge tivesse cortado fóra a ponta do nariz, ter-lhe-hia pousado em cima um pedacinho d'emplastro e nem por isso se acharia menos satisfeito.

Vestiu o seu melhor fato, e finalmente saiu para a rua, accumulada de povo como antes vira com o Espirito do Natal presente; e caminhando com as mãos crusadas atrás das costas, olhava para cada pessoa com um sorriso prazenteiro.

N'uma palavra, Scrooge apresentara-se com tão jovial apparencia que tres ou quatro patucos de bom gosto disseram-lhe:

—Bom dias, meu caro! Boas festas, meu amigo!

E Scrooge muitas vezes, em epocha posterior, affirmou que sem duvida eram aquelles os sons mais agradaveis que lhe tinham soado ao ouvido.

(Continua.)

UMA LÓA DO NATAL EM PROSA

CONTO PHANTASTICO
DO NATAL

POR

CHARLES DICKENS

(Versão do original inglez)

ESTROPHE V

Fim da historia

(Continuado do n.º 21)

Não tinha dado muitos passos quando viu dirigindo-se a elle aquelle cavalheiro de maneiras distinctas, que no dia antecedente lhe entrara no escriptorio e lhe dissera: «Scrooge & Marley, julgo eu?» Sentiu uma dor pungente ferir-lhe o coração ao pensar no modo como aquelle le sugeito o olharia quando se vissem; mas comprehendeu a vereda que devia trilhar, e não se affastou d'ella.

—Meu caro senhor, disse Scrooge apressando o passo, e agarrando em ambas as mãos do cavalheiro. Como passa? Estimo que hontem

fosse bem succedido? Faz-lhe muita honra o seu proceder. Alegres festas, caro snr.!

—Fallo com o snr. Scrooge?

—Sim senhor. — E' esse o meu nome, e receio bem que lhe não seja agradavel. Permitta-me que lhe peça perdão pelo meu comportamento de hontem. Quer ter a bondade de — (aqui Scrooge segredou-lhe ao ouvido).

—Será possível, meu Deus! exclamou o outro quasi sem poder tomar folego. Falla serio, meu caro snr. Scrooge?

—Muito serio, respondeu este; nem um *farthing* menos. Esteja certo que não faço mais que saldar dividas atrazadas. Quer-me fazer esse obsequio?

—Meu caro senhor, disse o outro apertando-lhe a mão, não sei como elogiar tal munifi...

—Não pronuncie mais palavra a tal respeito, interrompen Scrooge. Va a minha casa. Quer ir?

—Se quer! exclamou o cavalheiro. E na verdade tencionava fazer o que dizia.

—Obrigado, disse Scrooge, fico-lhe muito obrigado, agradeço-lhe mil vezes. Adeus.

Scrooge entrou nas igrejas, passeou nas ruas, contemplava o povo caminhando para cima e para baixo, ameigava as creanças, questionava os mendigos, e deitava olhares de satisfação para as cosinhas e para as janellas das salas; e tudo o que via lhe causava prazer.

Nunca sonhara que um passeio — que coisa alguma, para melhor dizer — o podesse tornar tão satisfeito.

No fim da tarde dirigiu os passos para casa de seu sobrinho. Passou á porta uma duzia de vezes antes de ter a coragem de levantar a aldrava. Refez-se de coragem e bateu:

—O amo está em casa, minha linda, disse Scrooge á creada. Bella creatura!

—Está, sim senhor.

—Onde está elle, meu amor? disse Scrooge.

—Está na sala do jantar com a senhora. Queira entrar para a sala de visitas.

—Obrigado. Elle conhece-me, disse Scrooge com a mão já pousada no trinco da sala do jantar. Eu entro, menina.

Levantou o trinco devagarinho, e metteu a cabeça pela porta entreaberta.

Os dois esposos estavam contemplando a mesa, lindamente adornada, porque os recém-casados são pechosos na elegancia do serviço, e gostam de ver cada coisa no seu lugar.

—Fred! disse Scrooge.

Valha-nos Deus! como elle fez estremecer a sobrinha por afinidade! Scrooge esquecera-se momentaneamente de que aquella senhora estava sentada a um canto sobre um tamborete, ou de certo não appareceria assim de subito.

—Que vejo!... exclamou Fred! ou estou louco ou é...

—Sou eu mesmo. E' o teu tio Scrooge. Venho jantar contigo. Deixas-me entrar, meu Fred?

—Deixal-o entrar!...

Foi uma felicidade o sobrinho não deslocar o braço do tio, á força de cumprimentos.

Em menos de cinco minutos Scrooge estava como em sua casa. Nada podia ser mais cordial. A esposa de Scrooge não se constrangeu; nem Topper, nem a menina do enfeite quando chegaram. Todos estavam á vontade.

Passou-se uma noite magnificamente.

Scrooge, no dia seguinte, appareceu muito cedo no seu escriptorio; muito cedo, muito cedo.

Se elle tivesse podido ser o primeiro a chegar, e ter pilhado Bob Cratchit sem ter vindo e com demora! Era isso exactamente o que meditara.

E pilhou-o, pilhou-o! O relógio bateu as nove; — e Bob sem vir. Um quarto mais — e nada de Bob.

O desgraçado chegava atrazado os seus dezoito minutos e meio.

Scrooge sentou-se á escrivania do gabinete com a porta aberta, para o ver entrar na cisterna.

Bob antes d'abrir a porta descobriu-se e tirou a manta d'agasalho do pescoço. N'um *amen* sentou-se no tamborete, movendo a pena apressadamente, como se desejasse alcançar as nove horas.

—Olá, grunhiu Scrooge com a sua voz costumada, tanto quanto a podia fingir. Então isto são horas d'apparecer no escriptorio?

—Não sabe v. s.ª quanto sinto ter chegado mais tarde, disse Bob.

—Mais tarde! com effeito, parece-me que não veio muito cedo! Chegue aqui, faz favor.

—E' somente uma vez por anno, disse Bob timidamente sahindo da cisterna. Não repetirei. Diverti-me hontem um pouco!...

—Pois bem, meu amigo, disse Scrooge, permitta-me que lhe diga que não deixarei caminhar as coisas como caminham. Portanto, continuou elle saltando d'um pulo abaixo do tamborete, e applicando um soffivel piparote no collete de Bob a ponto de o fazer recuar até á cisterna, portanto vou-lhe augmentar o ordenado!

Bob julgou-o doudo, estremeceu e chegou-se o mais perto possível da regoa. A primeira ideia que lhe atravessou a mente foi de desancar Scrooge com ella, depois segural-o, e chamar gente para o ajudar a vestir-lhe a camizola de força.

—Boas festas Bob, disse Scrooge, com serenidade que não podia ser tomada em sentido contrario, e batendo-lhe no hombro. Festas alegres, Bob, e mais alegres do que te tenho desejado por muitos annos! Hei-de augmentar-lhe o ordenado, e auxiliar a sua pobre familia; havemos de discutir os seus negocios esta noite, com a ajuda d'um bom copo de fumegante *bishop* (1). Acende ambos os fogões, Bob Cratchit, mas antes d'escreveres mais uma letra, vai comprar um balde novo para o carvão.

Scrooge não só cumpriu a sua palavra, mas foi muito além, — muito além, e para Tiny Tim,

(1) Especie de ponche.

que realmente não morreu, foi um segundo pai.

Tornou-se tão bom amigo, tão bom amo, e tão bom homem, como o burguez reconhecido por melhor na boa e antiga cidade de Londres, ou em outra qualquer boa e antiga cidade, villa ou aldeia, de qualquer parte do bom e antigo mundo.

Algumas pessoas riam-se da mudança de Scrooge, mas elle deixava-os rir, e pouco se importava, porque não era tão ignorante que não soubesse que as melhores coisas deste mundo começam sempre por fazer rir alguém. Conhecendo que essas pessoas inevitavelmente se mostrariam cegas, pensou consigo que melhor era que a enfermidade dellas se exhibisse pelas rugas que lhes fazia contrahir á força das risadas, do que de qualquer modo mais repellente.

Elle proprio rio do fundo d'alma, e era essa toda a sua vingança.

Não teve mais relações com os Espiritos, mas em compensação contrahiou mais os laços d'amizade com os seus semelhantes, e disse-se delle, que ninguem melhor sabia festejar o bom tempo do Natal.

Possa dizer-se outro tanto com verdade de nós todos!

E como muito bem disse Tiny Tim:

«Deus nos abençoe em quanto existimos.»

FIM.

(VERSÃO DE A. C.)